

Não sabemos contar

Marcas de oficinas de contos

Organizadores:

Mateus Dias Pedrini

Maria Elizabeth Barros de Barros

encontrografia

Não sabemos contar

Marcas de oficinas de contos

Organizadores:

Mateus Dias Pedrini

Maria Elizabeth Barros de Barros

encontrografia

Copyright © 2026 Encontrografia Editora.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a expressa autorização da editora.

EDITOR CIENTÍFICO

Décio Nascimento Guimarães

EDITORA ADJUNTA

Carolina Gonçalves Caldas

DESIGN

Diagramação: Carolina Caldas

Design de capa: Luís Felipe Roriz Stein

Finalização de capa: Nadini Mádhava

REVISÃO

Paula Vigneron

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Não sabemos contar : marcas de oficinas de contos /
organizadores Mateus Dias Pedrini, Maria
Elizabeth Barros de Barros. -- 1. ed. --
Campos dos Goytacazes, RJ : Encontrografia
Editora, 2026.

Vários autores.
Vários colaboradores.
ISBN 978-65-5456-162-4

1. Contos brasileiros - Coletâneas I. Pedrini,
Mateus Dias. II. Barros, Maria Elizabeth Barros de.

26-339046.0

CDD-B869.9308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Literatura brasileira
B869.9308

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4

encontrografia

ENCONTROGRAFIA EDITORA COMUNICAÇÃO E ACESSIBILIDADE LTDA

Av. Alberto Torres, 371 - Sala 1101, Centro

Campos dos Goytacazes, RJ, 28035-581 | Tel: (22) 2030-7746

www.encontrografia.com | editora@encontrografia.com

Comitê científico/editorial

Prof. Dr. Antonio Hernández Fernández – UNIVERSIDAD DE JAÉN (ESPANHA)

Prof. Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza – UENF (BRASIL)

Prof. Dr. Casimiro M. Marques Balsa – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (PORTUGAL)

Prof. Dr. Cássius Guimarães Chai – MPMA (BRASIL)

Prof. Dr. Daniel González – UNIVERSIDAD DE GRANADA (ESPANHA)

Prof. Dr. Décio Nascimento Guimarães –IFF (BRASIL)

Prof. Dr. Douglas Christian Ferrari de Melo – UFES (BRASIL)

Prof. Dr. Eduardo Shimoda – UCAM (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Emilene Coco dos Santos – IFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Fabiana Alvarenga Rangel – UFES (BRASIL)

Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – UNIR (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Fernanda Luísa de Miranda Cardoso – IFRS (BRASIL)

Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho – UFSC (BRASIL)

Prof. Dr. Francisco Elias Simão Merçon – FAFIA (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Gisele Pessin – UENF (BRASIL)

Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes – UFRPE (BRASIL)

Prof. Dr. Javier Vergara Núñez – UNIVERSIDAD DE PLAYA ANCHA (CHILE)

Prof. Dr. José Antonio Torres González – UNIVERSIDAD DE JAÉN (ESPANHA)

Prof.^a Dr.^a Margareth Vetis Zaganelli – UFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Martha Vergara Fregoso – UNIVERSIDAD DE GUADALAJARA (MÉXICO)

Prof.^a Dr.^a Patricia Teles Alvaro – IFRJ (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães – UFRN (BRASIL)

Prof. Dr. Rogério Drago – UFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Shirlena Campos de Souza Amaral – UENF (BRASIL)

Prof. Dr. Wilson Madeira Filho – UFF (BRASIL)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

Para Miriã, menina-bicho pássaro que participou das nossas oficinas e deste livro.

Para Heliana Conde, pois nunca é demais lembrá-la em nossos escritos.

Sumário

Prefácio: O que acontece quando oficinas se tornam um livro? 11

Ana Paula Figueiredo Louzada

ANTIMANUAL PARA UMA OFICINA DE CONTOS. 14

Mateus Dias Pedrini

Miguel Levi de Oliveira Lucas

NOSSOS CONTOS. 32

Apresentação 33

Eu não sei contar 34

Pedro Cesar Nascimento Bassul

Uma carta a Caio Fernando Abreu. 35

Luíza Dias de Oliveira

Humano 37

Anelise Dambroz Spinassé

**Entre o leão e a palavra: papel, caneta, corpos e experimentação
em escrita. 39**

Jomar da Rocha Farias Zahn

A sala aonde as ideias vão para morrer 41

Vivianne Flavia Cardoso

Dona Geralda. 43

Vinícius Tamanini Salamão

Faça um pedido, Teresa! 45

Luísa Mendonça Raggi

Em busca de conhecimento. 47

Juliana Ribeiro do Amaral

Manobras evasivas	49
<i>Yago Serafim Schwider</i>	
Quem está andando por aí?	52
<i>Morena Oliveira Sartório</i>	
O que não consegue ser dito	54
<i>Tânia Pereira Leal</i>	
Contrabando	57
<i>Juliana Labatut Portilho</i>	
Se eu usasse sapato	59
<i>Luiza Brum Braga Loureiro</i>	
Domingo na padaria	61
<i>Joana Falk Zanello</i>	
O menino de onde?	62
<i>Nicole Argolo Costa</i>	
Quem conta um conto aumenta um ponto.....	64
<i>Joana Falk Zanello</i>	
Um fim para um novo recomeço	66
<i>Juan de Paula Silva</i>	
Mar nosso de cada dia.....	68
<i>Nicole Argolo Costa</i>	
Mergulho.....	71
<i>Ana Luiza Perin Cogo</i>	
Medicalização da fé	72
<i>Natália Schneider Bianchi</i>	
Agora-mundo	73
<i>Izabela Luiza Barossi Santos</i>	
Menina-bicho pássaro.....	77
<i>Miriã Fernandes Oliveira</i>	

Cidade de Ninguém	80
<i>Iago Vitor da Silva de Lyra</i>	
Rio Acará, Rio Carú	83
<i>Anna Cariny Dias de Amorim</i>	
Tô cansado, de você também.....	85
<i>José Eronides Ferreira Moura Neto</i>	
Amor em fim.....	89
<i>Yago Serafim Schwider</i>	
Problemas sociais	91
<i>Morena Oliveira Sartório</i>	
Ponto de fuga	93
<i>Igor Bomjestab Vittoraci</i>	
Entre o Quarto e a Floresta	94
<i>Julia Kloss</i>	
A dança do pássaro.....	96
<i>Alessandra Vitória Mendonça Luiz</i>	
Conto sem nome	97
<i>Nathália Kizem Cuel Carriço</i>	
Conto concreto de um ritual sem teto	99
<i>Miguel Levi de Oliveira Lucas</i>	
Sobre a montanha.....	100
<i>Mateus Dias Pedrini</i>	
IMAGENS DE OFICINAS EM MOVIMENTO	102
Posfácio	109
<i>Luciano Bedin da Costa</i>	
NOSSXS CONTISTAS	112

Prefácio

O que acontece quando oficinas se tornam um livro?

Ana Paula Figueiredo Louzada¹

Não se fecha um livro como este.

No máximo, abandona-se à mesa — e nem sempre com alívio.

Os contos permanecem depois da última página. Alguns parecem tocar de uma forma; outros fazem sentido fora do livro, desobedecendo uma certa ordem de leitura que não obedece à ordem do livro nem à boa vontade do leitor. *Não sabemos contar: marcas de oficinas de contos* não se organiza como obra conclusiva nem como demonstração de um procedimento bem-sucedido. O que se oferece aqui é um campo instável, um intervalo tenso entre pesquisa, literatura e vida. É nesse intervalo — móvel, poroso, sem centro — que se escuta uma polifonia irregular: vozes que não se conciliam, contos que não se confirmam, escritas que resistem à pacificação de uma autoria coletiva domesticada.

Este livro não “resulta” de uma oficina. Ele se compõe com ela, no mesmo movimento em que a oficina se desfaz. Não preserva a forma de manual, registro ou memória exemplar. Carrega aquilo que encontros deixam quando não são convertidos em origem: restos, desvios, insistências. A menina que vira pássaro, o conto que vira círculo, um conto que sustenta a dificuldade de contar... Nada disso funda o livro; tudo isso o atravessa.

1. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (2009) da Universidade Federal do Espírito Santo, mestra em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001) e graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (1997). Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI-UFES).

Não se trata de um livro sobre contos. Tampouco apenas de contos. Trata-se de um livro que se mantém como acontecimento, mesmo quando a situação que o torna possível já não está mais ali.

Talvez seja por isso que ele resista à leitura linear. As histórias aqui contadas não obedecem a uma cronologia; os textos não convergem para argumento algum. O leitor não é conduzido; é exposto. Circula, interrompe, volta. Há aqui uma recusa deliberada à pedagogia da explicação e uma aposta na experiência — não como vivência originária, mas como efeito de composição.

A oficina que atravessa este livro não institui um “dentro” alternativo nem um espaço separado. Ela produz uma heterotopia em ato: aberta, contingente, coemergente às relações que ali se estabelecem. Não um lugar outro já dado, mas um espaço que se faz enquanto é praticado — e que se desfaz no mesmo gesto. A heterotopia aqui não se localiza. Ela acontece.

O tempo não se organiza pelo rendimento, tampouco se suspende fora das pressões institucionais. A escrita não responde a uma finalidade avaliativa, mas não se coloca fora dos regimes de validação. A autoria não se fixa em hierarquias rígidas, mas também não se dissolve num comum indiferenciado. O espaço se abre na fricção, não na exclusão.

O processo das oficinas e as técnicas escolhidas — por vezes, banais, simbólicas e interpretativas — funcionam menos como método do que como operador de desorientação. Não para perder-se romanticamente, mas para deslocar caminhos já traçados.

Desorientar não garante ver melhor.

Garante apenas que o trajeto conhecido deixa de ser o único.

Foucault lembra que as heterotopias não são utopias realizadas, mas arranjos reais nos quais as normas se deslocam, se rearticulam, entram em crise. A experiência que atravessa este livro opera nesse registro: não substitui a escrita acadêmica, não a corrige, não a redime. Coloca-a em relação, expondo seus limites sem prometer superação.

Ao escrever contos, não se busca revelar destinos ocultos de personagens narrados nem ativar simbolismos prévios. O que se coloca em jogo é

a possibilidade de escrever sem ponto de partida garantido, aceitando o acaso não como falha, mas como condição de montagem. Essa aposta tem consequências éticas e políticas — sem assegurar resultados.

Num tempo atravessado por métricas, produtividade e padronizações discursivas, sustentar um espaço em que a escrita pode hesitar, falhar, fragmentar-se e errar não é gesto heroico. É precário, provisório, facilmente reabsorvível. Ainda assim, algo insiste.

Há algo de corpóreo neste livro — não como interioridade a revelar, mas como superfície de contato. Os textos falam de escolas, julgamentos, filas, maternidades, corpos regulados e corpos que escapam. Mais do que temas, há um modo de escrever que opera na pele: pausas, cortes, repetições, tropeços. Escrita por contato, por fricção, por dobra. O corpo ajoelhado diante do Imperador, o corpo suspenso do Enforcado, a respiração contida na fila não remetem a um fundo oculto; insistem como acontecimentos na superfície.

Nesse sentido, *Não sabemos contar* não adorna a pesquisa com literatura. Desloca seus regimes de verdade ao colocá-los em composição com outras formas de dizer, ver e escrever.

Que este livro seja lido como quem entra numa sala onde algo acaba de acontecer. Não para reencontrar uma origem, mas para perceber que certos deslocamentos ainda operam.

Quando o livro termina, os contos não voltam para suas respectivas páginas.

Eles seguem circulando.

Nada está resolvido.

A escrita respira, e isso não passa.

ANTIMANUAL PARA UMA OFICINA DE CONTOS

Antimanual para uma oficina de contos

Mateus Dias Pedrini

Miguel Levi de Oliveira Lucas

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.1

PEQUENO CARTÃO DE ADVERTÊNCIA

Há vários manuais por aí dizendo como se deve escrever um conto, como escrever bem uma história de poucas páginas, como começar e terminar um plot para que tudo ande da melhor maneira possível nas próximas páginas, como criar personagens ricos e tridimensionais de forma crível e realista... Não deixam de ser pontos importantes em um processo de escrita. Não é nada disso que irá encontrar por aqui. Como um antimanual, a proposta não é dizer o que você deve fazer ao escrever, quais são os melhores caminhos a seguir ou o que é considerado um conto bom, bonito, bem-feito (essa é a função de um **manual**, não de um **antimanual**). Honrando este antilugar, as noções, diretrizes e técnicas devem ser inventadas por aqueles que ousam um exercício de contar, aperfeiçoando modos de escrita e métodos contistas enquanto algo se faz e vai se fazendo, no próprio modo da caminhada que só a escrita pode proporcionar.

Por isso, esteja avisado: não diga que não foi advertido!!!

10

Oficina, talvez, não seja o melhor termo para falar de uma oficina de contos. Quer dizer, tudo depende de como você encara o termo **oficina**:

afinal, é um lugar de conserto, manutenção, de dizer o que deve ou não deve ser feito a partir de técnicas já conhecidas e anteriormente aplicadas (como o que acontece quando você leva seu carro à oficina mecânica, por exemplo) ou um lugar de **oficinagem**, ou seja, de criação e invenção a partir de exercícios de escrita? Parece coisa de acadêmico chato cismar com esse termo,² mas é que as palavras têm poder, força nas formas em que seus usos e os significados são produzidos nelas, e, por isso, não é um cuidado qualquer: as palavras estão carregadas de significados que são produzidos por aqueles que a usam nos lugares que ocupam,³ fazendo do termo oficina uma escolha que vai direcionar os trabalhos a serem desenvolvidos nos encontros com contistas em germinação.

A palavra parafuso, por exemplo, é extremamente saborosa e metafísica, mas não alcança a mesma intensidade que a palavra rocambole, que é igualmente saborosa, mas mais metafísica, quase patafísica.⁴ Outras palavras, por exemplo, podem ofender, injuriar, causar náusea. A palavra é aquilo que nomeia e constrói a realidade das coisas. Palavra é uma coisa que deve ser levada com rigor. Portanto, se é de seu interesse criar ou participar de uma oficina de contos, o X da questão é: essa é uma **oficina de contos** ou uma **oficina de contos**? Decide aí que depois a gente conversa mais, tá bom?

9

São horas e horas de preparação, dias e dias de modificação do projeto inicial, semanas e semanas de ensaio, meses e meses de ansiedade para 10 minutos de oficina em ação.⁵ Não basta um interesse despreocupado e despretenso para fazê-la acontecer; é necessário um esforço de produção e criação que, talvez, não seja visto pelos seus participantes: quantos encontros são necessários? Vai precisar de papel e caneta ou não? *Datashow* será um recurso necessário? E ar-condicionado? Serão encontros

2. Não deixa de ser, de novo, a partir do que você entende pelo termo **acadêmico chato**..

3. BARTHES, 2009; FOUCAULT, 2006.

4. JARRY, 1996.

5. "Se você quer 5 minutos, 10 minutos de inspiração, tem de fazer uma longa preparação" (Deleuze; Parnet, 1989).

em círculo ou nas tradicionais fileiras escolares? É folha de papel-almaço ou de fichário mesmo? Quais textos irão guiar cada encontro? Quais dispa-radores escolher para iniciar os processos de escrita? Por que interessaria uma oficina de contos: vaidade? Desejo? Vontade de escrever em coletivo? O que se pretende com essa oficina? Quais são os autores escolhidos para sua realização e como dobrar as suas ideias ao que acontece no instante do encontro? Qual a postura tomar quando nada do que se planejou aconteceu? Se cair um pé d'água no dia do encontro, o que fazer: marcamos outro dia ou cancelamos?

Escrever, assim como preparar uma oficina, é muito mais do que se apa-renta e se apresenta. Se tem algo a ver com inspiração, é igualmente irma-nada com a transpiração. Escrever é físico e metafísico, mas, sobretudo, cansativo. Mas não sabemos, até agora, como se preparar para a escrita além de escrevendo.

8 [ou uma jornada de um não herói]⁶

Antes da aventura: o personagem principal da história é chamado para iniciar uma jornada por alguém, algo ou algum evento externo. Contudo, esse primeiro chamado é recusado por ele, seja por medo, seja por não se acreditar como o personagem principal daquela história. Contudo, é a partir de um evento fora do controle do herói que ele se vê obrigado a sair de sua zona de conforto e aventurar-se na jornada que está para começar em um local, distante, desconhecido, cheio de aventuras e mistérios ainda a se desenrolarem. Exemplos: o jovem Harry Potter não acredita ser um bruxo quando recebe a carta de Hogwarts; Frodo recusa o peso de ser o responsável por levar o Um Anel para a Montanha da Perdição; Seu Jair re-cusa a responsabilidade de seus atos e agora terá de passar por um longo processo jurídico do qual não tem nenhum interesse em participar...

Um possível início de aventura: Nosso personagem principal, da histó-ria ainda por vir, não é nenhum tipo de herói e não irá participar de nenhu-ma aventura mitológica ou fantástica, pois nem tempo para isso ele dispõe:

6. Que Joseph Campbell (1997) não leia esse trecho...

irá quebrar o mito fundador do herói, o monomito das histórias únicas, universais, com começos, meios e fins pré-determinados ... tudo isso vivendo sua vidinha simples, singela, cotidianamente rotineira e repetitiva. E, por isso, ele é um não pode ser chamado de anti-herói, já que não existe nenhuma referência heroica para ele: o lugar do não-herói é o lugar do sujeito comum do dia a dia, que passa e transita em nossas proximidades, acorda cedo, algo em torno das 5h30 da manhã, já não quer pegar muito trânsito no deslocamento de sua casa para o trabalho, demora cerca de 2 horas de deslocamento (só a ida) e já chega cansado antes mesmo de os trabalhos começarem.

Mas algo no caminho e no deslocar-se chama a atenção do nosso tal não-herói: um galinheiro é montado na frente de uma oficina mecânica; um palhaço de rua grita numa briga de trânsito: “Tem algum palhaço aqui, por acaso?”; um homem anda pelas ruas com uma lupa ao estilo Sherlock Holmes; um ato falho no painel eletrônico **CHUCA FORTE CHEGA À CIDA-DE...** Tudo isso é um possível início de uma aventura da escrita, que pode ser recusada com toda a alegria do mundo pelo não-herói, já que não há nenhuma jornada mitológica e fantástica a ser percorrida. E, de repente, você percebe que nem de protagonista precisa. As histórias circulam por si mesmas acontecendo e protagonizando pequenos ruídos de vida, sinais, exasperações que, por si só, se contam.

A jornada de aventuras: Agora que o herói começou sua caminhada, a jornada de transformação irá iniciar-se em uma paisagem onírica e fantástica com uma série de provas, acompanhada de amuletos, auxílios, auxiliares mágicos que fazem da passagem uma etapa de processo de prova para outro. Ao final desse processo, o herói volta para casa com o prêmio de sua aventura (seja um objeto, uma sabedoria nova do mundo, coisas desse tipo), dominando a si mesmo ao enfrentar não somente provas que passou, mas também as crises que, simbolicamente, representam aquilo tudo que dificultava a percepção de si. Dessa forma, o herói torna-se um diferente entre os mortais, alguém com qualidades e características que os destacam dos outros, dos não-heróis, dos que não partiram por essa jornada de transformação. Exemplo: os 12 trabalhos de Hércules; Dorothy tem que derrotar a Bruxa Má do Oeste para conseguir voltar para

~~casa;⁷ Seu Geraldo venceu a burocracia do Estado e conseguiu, finalmente, sua tão sonhada aposentadoria, recebendo todos os meses meio salário-mínimo como forma de retribuição aos esforços de mais de 50 anos de trabalho ininterrupto...~~

Inventando uma imagem: considere este encontro com o que não queria ser encontrado como um rastro, presença de uma ausência frágil e que pode se apagar a qualquer instante...⁸ Agora, nosso não-herói tem a chance de fazer seu dia caminhar para outros lugares na relação com a cidade, nesse caminho que parece rotineiro e monótono, mudando de direção sem deixar de fazer a rota que sempre faz: é nesse momento que entende que seu cotidiano é feito de impossíveis, coleção de pequenos momentos que vão escapando enquanto tenta-se criar algum sentido com eles.⁹

No momento, ele não está em frente ao seu computador, tela mágica capaz de pôr uma ordem nas ideias borbulhantes em meio ao ônibus lotado, mas decide fazer uma anotação mental daquele rastro que cruzou o seu caminho e deseja escrever algo ao sentar-se na cadeira de seu escritório, mesmo que isso custe alguma advertência de seus superiores; pôr em movimento aquela semente de ideia que se iniciou de forma relativamente inesperada. Essa é a oportunidade de nosso não-herói tem de inventar uma imagem, colocando-as em movimento no próprio desenrolar de um exercício de escrita como um efeito contista: na imagem, a produção de significados é do autor que a escreve, assim como de quem a lê, tornando-se mais um autor das imagens em movimento,¹⁰ inventadas em seus 24 *frames* por segundo, como o cinema nos faz iludir em seu efeito de sobreposição de imagens.

O retorno do herói: ~~A aventura está quase em seu fim; porém, a volta para casa ainda não está completa: depois da fatigante jornada, o herói apresenta uma certa resistência em voltar, como se as aventuras pelas~~

7. Apesar de terem escondido dela que bastava bater os sapatinhos de rubi por 3 vezes que ela voltaria para casa, apesar de toda a campanha do todo poderoso Oz de difamação contra a Bruxa Má do Oeste, como somos apresentados no filme *Wicked*, de 2024.

8. GAGNEBIN, 2012.

9. BLANCHOT, 2007.

10. BARTHES, 1984.

quais passou fossem mais interessantes que a vida que vivia antes. Nesse mesmo retorno, leva consigo o tesouro de sua jornada, aquilo que tanto precisava conquistar para conseguir retornar ao seu local de origem: na benção dos deuses, seu retorno é triunfal e abençoado; porém, caso não consiga essa ajuda sobrenatural de que tanto precisa, seu destino é uma perseguição eterna em vida, fugindo, mais uma vez, de seu papel heroico em um mundo em ruínas. Por isso, a figura auxiliar é de grande importância para dar os caminhos das pedras e indicar o limiar do retorno para casa.

Há sempre um estranhamento nessa volta, parte do processo de compreensão do que aconteceu ao herói, dos eventos ocorridos e do que pode fazer de diferente para si e para os outros nesse mesmo retorno. Passado tudo isso, agora nosso herói é senhor de dois mundos, permitindo-se um ir e vir de seu lugar de origem para novas jornadas transformadoras e instigantes. Exemplos: Édipo, ao saber que matara seu pai para poder casar-se com sua mãe, decide furar os próprios olhos e vaga pelo deserto como punição da transgressão que acabara de cometer, efeito de um crime incestuoso e que, com certeza, não teria o apoio dos deuses; V, no quadrinho *V de Vingança*, cuja morte é o início de uma revolução em uma Londres despótica e dominada pelos nazistas; o retorno dos exilados políticos a seus países de origem com o fim de regimes ditatoriais na América Latina; condecorados e recebidos como heróis pelo compatriotas que ficaram.

Quebra de mitos da escrita: Na produção de imagens em formas de contos, um não-herói apropria-se do mito fundador da maldita boa-escrita para desfazer a importância dos próprios mitos de ser e se fazer um contista, de como a vida cotidiana é mergulhada em pequenas naturalizações que vão afirmando certos e errados, belos e feios, escritores natos e perdedores de tempo na escrita...¹¹

Ao finalizar seu conto, o não-herói participou de alguma jornada, algo que somente ele pode tentar pôr em palavras o que foi, os processos que passou e que foram inventados por ele nesse mesmo caminhar com a escrita. Não que ele esteja necessariamente pronto para outra (ninguém está, nem os mais experientes no ramo da contação), mas um gesto da dife-

11. BARTHES, 2009.

rença se produziu nessa escrita-contista, gesto este que carrega consigo tudo que move desejos com a vida, que vai levando algo capaz de produzir mudanças, movimentos, deslocamentos sem lugar fixo para ficar. Quebrar os mitos com a escrita acontece, por vezes, nos pequenos gestos do dia a dia, nas apostas de produção de mudanças com a escrita, mostrando ao nosso não-herói que fazer um conto não é um exercício simples, mas que se afirma, antes de tudo, num gesto, numa vontade de fazer algo diferente.¹² Depois dessa longa jornada nada heroica, agora os caminhos se abrem das mais diversas formas: fazer outro conto, imprimir-lo, enviar para amigos, jogar fora, reescrevê-lo... é só escolher.

7

Aprende-se muito com os expoentes do Oulipo¹³ a criar limites para que uma escrita se deslanche. Ilustres-jovens-franceses-desconhecidos (com exceção, talvez, de Ítalo Calvino), a ordem era limitar uma escrita para que algo novo nascesse, algo que fosse se criando como escrita na ordem da restrição: “Você vai escrever um livro sem a letra ‘u’”;¹⁴ “Agora, façam um texto inteiro por diálogos”;¹⁵ “Crie um texto com, exatamente, 4792 caracteres”...¹⁶ Dessa forma, o que impede é um convite a uma brecha que está para acontecer e ser inventada fora dos limites que um limite se propõe a criar:¹⁷ é nessas horas que um poder autoritário vira deboche, tentativa de comando que nasce falha no mesmo momento em que é parida por um ser que acha ter alguma autoridade em meio a paus mandados cheios de vontade de fazer tudo, exceto o comando...¹⁸

Tudo depende de abertura e disposição de quem escreve, mas, principalmente, do texto. A questão é a dosimetria entre as regras, as não-regras

12. BARTHES, 2022.

13. Oulipo é a sigla para *Ouvroir de Littérature Potentielle*, que, em tradução livre, pode ser entendido como *Oficina de Literatura Potencial*.

14. Assim surgiu o livro *Que Regressent*, de Georges Perec.

15. Assim surgiu *O Beijo da Mulher-Aranha*, de Manuel Puig (que não é exatamente um oulipiano, mas poderia muito bem ser um exemplar da América Latina)

16. Assim surgiu... nada: acabamos de inventar esse comando.

17. CARNEIRO, 2016; SILVA, 2016.

18. FOUCAULT, 1987.

e as antirregas. Se quiser provocar alguém que inventa coisas, diga: inventa qualquer coisa aí, rapidinho. E receberá uma cara chupada de limão de todo tamanho. E isso sempre correrá o risco de se enrijecer, virar babaquice, mas o contrário também. Na vida e na escrita, tudo é perigoso.¹⁹ Ainda assim, a chance de alguém reclamar que você está sendo muito autoritário com uma atividade oulipística também é grande...

6 [ou... modos contistas de contistas contadores para parir um conto que ainda será contado]

Ignácio de Loyola Brandão: *"Cadernos, cadernos, cadernos, cadernos.... Ó as cadernetinhas".*²⁰

Anton Tchêkhov: *"Para escrever um conto, são necessários cinco ou seis dias e, enquanto se escreve, passar o tempo todo pensando nele; do contrário, você nunca poderá forjar as frases. É necessário que, antes de ser posta no papel, cada frase permaneça uns dois dias na cabeça até ganhar corpo. Está claro que, por preguiça, eu, pessoalmente, não sigo essa regra, mas recomendo-a de bom grado".*²¹

Patty Smith: *"No trem, reescrevo alguns trechos do conto que tinha começado no tranquilo parque de Sète e continuado no veloz trem rumo a Paris. Inicialmente, me perguntei o que teria me levado a escrever uma história tão escura, tão infeliz. Não desejava dissecar com bisturi, mas, ao reler, me impressionou a quantidade de reflexões e de ocorrências passageiras que inspiraram ou permearam o texto. Até a referência mais insignificante, eu via nitidamente, como que sublinhada. Por exemplo, um prato perfeito de ovos fritos estava ecoado num lago redondo."*²²

Júlio Cortázar: *"A história de cada conto é também um testemunho de estranhamento (quando não é uma provocação tendente a suscitar-lo no leitor). [...] O que importa é que nesses contos se narre sem solução de continuidade uma acção capaz de seduzir o leitor, se aquilo que o seduz*

19. Como nos alertam Guimarães Rosa e Michel Foucault.

20. GRUPO EDITORIAL GLOBAL, 2025.

21. TCHÊKHOV, 2007, p. 50.

22. SMITH, 2018, p. 38-39.

*subliminarmente não é a unidade do processo narrativo, mas a fissura em plena aparência unívoca? [...] Bem ou mal escritas, elas são, na sua maioria, do mesmo material dos meus romances, aberturas sobre o estranhamento, instâncias de uma deslocação a partir da qual o habitual cessa de ser tranquilizador, porque nada é habitual quando se submete a um escrutínio sigiloso e prolongado”.*²³

Ítalo Calvino: *“Comecei pelos tarôs de Marselha, procurando colocar as cartas de modo que se apresentassem como cenas sucessivas de um conto pictográfico. Quando as cartas enfileiradas ao acaso me davam uma história na qual reconhecia um sentido, punha-me logo a escrevê-la; acumulei, assim, um vasto material; posso dizer que grande parte da Taverna dos destinos cruzados foi escrita nessa fase; mas não conseguia dispor as cartas numa ordem que contivesse e comandasse a pluralidade dos contos; mudava constantemente as regras do jogo, a estrutura geral, as soluções narrativas”.*²⁴

Caio Fernando Abreu: *“Às vezes penso que, quando escrevo, sou apenas um canal transmissor, digamos assim, entre duas coisas totalmente alheias a mim, não sei se você entende. Um canal transmissor com um certo poder, ou capacidade, seletivo, sei lá. Hoje pela manhã não fui à praia e dei o conto por concluído, já acho que na quarta versão. Mas vou deixá-lo dormir pelo menos um mês, aí releio — porque sempre posso estar enganado, e os meus olhos de agora serem incapazes de verem certas coisas”.*²⁵

Murilo Rubião: *“Eu escrevo um conto sem pensar na epígrafe. Quando chego ao seu final, eu vou à Bíblia e acho-a lá, exatamente. Às vezes, pensando em fazer um determinado conto, encontro imediatamente a epígrafe correspondente na Bíblia. Isso se deve à leitura excessiva, ou à releitura. Eu jamais sei se o meu conto começa ou acaba na epígrafe”.*²⁶

Conceição Evaristo: *“Não me lembro se alguma vez eu já me autodenominei como contadora de história, por exemplo, a Paulina Chiziane fala: ‘eu*

23. CORTÁZAR, 2023, p. 37-38.

24. CALVINO, 1991, p.153.

25. ABREU, 2016, p. 162-163.

26. RUBIÃO, 1978, p. 30.

não sou romancista. Sou contadora de histórias.’ Mas eu acho mesmo que eu não tenha me denominado com veemência, a minha literatura passa por isso. Meu texto escrito passa por isso, e isso é importante porque eu acho que quando você se nomeia como contadora de história você busca uma prática que automaticamente te remete a uma prática africana. Uma prática das culturas africanas que é a contação de história. Então, eu acho que você posicionar o seu texto literário ou posicionar a sua criação literária ou a sua estética literária dentro das culturas africanas, ou dentro de uma herança africana, é interessante, porque geralmente a literatura busca influências europeias para poder falar de determinados escritores”.²⁷

Ailton Krenak: *“Minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”.²⁸*

Escrevente anônima: *“Não te interessa, atrevido”.*

5

Passam-se os anos de pesquisa, assim como novas tentativas de inventar políticas de escrita na universidade pública, e ainda estamos às voltas com o que Krenak nos disse a respeito de suas ideias para adiar o fim do mundo. Entre a vontade de adiar e o interesse em acabar alguns mundos aí vigentes para termos alguma possibilidade de criar novos, Krenak escolhe justamente o gesto que apostamos nesse livro: contar. Ele podia ter escolhido fazer tricô ou, talvez, uma formação de informática para atualizar as próximas gerações nas *interwebs* e *tiktoks* da vida; até a política institucionalizada podia ter sido uma escolha certa na tentativa de adiar o fim... nada disso interessa a ele, elegendo o contar como aquilo que consegue segurar o céu para durar mais um dia, para fazer alguma diferença em um mundo capaz de se desfazer a qualquer momento.

É que parece esse ser um gesto que tem um efeito aglutinador das vidas, fazer das memórias coletivas uma continuidade do passado no presente

27. JESUS *et al.*, 2018, p. 3.

28. KRENAK, 2019, p. 20.

em exercícios constantes de autores, escritores, ouvintes, leitores... Contar, assim, vira uma forma de inventar uma árvore, espaço onde um coletivo se abriga para ouvir, mais uma vez, uma história pequena a ser transmitida, transitando entre um lúdico e um sagrado que cria performances, estilos de escrita e inscrição no corpo capazes de fazer dessa mesma árvore local de afirmações de estratégias contistas e contantes.²⁹

Se o mundo deixar de acabar com a contação de histórias, isso é algo que não temos garantia nenhuma. Contudo, o convite de Krenak é no exercício que se fia e desfia em um coletivo possível, potente... que deixemos o mundo ser atingido por um meteoro enquanto contamos, desde que ele não atrapalhe nossas tentativas de encontro com o contar.

4

O ingrediente principal de uma oficina de contos é o medo. Explico: não há escritores renomados e *best-sellers* reunidos em uma sala de uma universidade qualquer para escrever contos (provavelmente, devem estar fazendo algo de muito importante): é um encontro de falsários, fingidores da escrita de narrativas curtas que acham que sabem o que estão fazendo, enganando-se e enganando os demais na tentativa de entregar algo. Ter medo impõe um movimento de escrita que faz das inseguranças um modo de caminhada capaz de entender como um conto se produz, como um contar pode ser inventado.

Outro ingrediente de suma importância é a autoridade, pois um disparador é o que faz as engrenagens da escrita contista acontecer. Mais uma vez, a convite dos expoentes do movimento Oulipo, as escritas florescem e se desdobram a partir de regras restritas de comando, como se os saberes matemáticos e literários saíssem para um passeio romântico e voltassem a nós com algo escrito, esforço das brechas criadas pelo limite de um comando.³⁰ Mas cuidado para quem acha que autoridade é algo que se sustenta no comando e a longo prazo, pois é daqueles que menos

29. QUEIROZ, 2012.

30. SILVA, 2016.

se espera que o comando virá como piada, virará dobra das formas de comandar uma oficina de contos...

3

Uma infestação de contista toma conta de uma certa universidade. Sobem pelas paredes, rabiscam frases em pequenos papéis, na pele, no banheiro. Os casos mais graves começam a fazer microcontos e alguns, oh Deusas!, até mesmo viram poetas-contistas. Começaram a aparecer por todos os lados, agindo em silêncio enquanto escrevem suas histórias curtas e fazem delas seus modos de escrita e de viver em um espaço acadêmico: seja espreitando nos corredores, nos fundos das salas de aulas ou batendo no peito e gritando a céu aberto para que todos possam ouvir: “*Eu sou umx contista*”; o caminho parece já se fazer e se desdobrar sem qualquer possibilidade de volta. Como uma infecção, o contágio-contista vai passando para o outro em seu *modus operandi* de escrita, chamando a atenção de estudantes, professores, meros passantes naquele templo do saber em que ainda tentam saber qual escrita interessa, qual se inventa e se esfarela naquele mesmo espaço por aquelas mesmas pessoas.

Assim é que se inicia uma curiosa epidemia de escritores escreventes que se fazem feiticeiros e produtores do saber que tentam, em coletivo, alguma forma de produzir saúde com a escrita,³¹ apesar de se fazer por contágio, apesar de ainda estar às voltas com um modo de escrita endurecido pelas engrenagens dos poderes que rondam os espaços universitários. Tome muito cuidado ao entrar nessa universidade proliferadora de contos: a próxima vítima pode ser você, leitor deste livro...

2

Nas vergonhas e vontades de escrever, fazemo-nos escritores: é o primeiro gesto que rompe algo que se faz na incerteza, na tensão que desencadeia algo com a escrita, estabelecendo algo capaz de tremer com as palavras.³² É que o gesto escrito se faz além de um mero desejo de

31. BARTHES, 1970.

32. ERNAUX, 2023.

escrita: com ele, carrega-se uma ação feita de emoções, motivos, pulsações, desejos... tudo aquilo que, de uma forma ou de outra, ergue-se junto ao gesto.³³ Dessa foram, a escrita, mesmo que acanhada e cheia de suas vergonhas, faz-se convite/composição em um coletivo capaz de criar novos caminhos não somente para os contos, mas também para a própria educação, para a pesquisa, para as docências.³⁴ E, mesmo que seja em algum modo de desconforto, escrever é o que parece provocar a não reprodução de um óbvio, inventar as ultrapassagens e brechas daquilo que foi convencionalizado afirmar como “boa” ou “má escrita”: para onde isso vai levar? Quais os caminhos possíveis? Será reconhecido, algum dia, como literatura ou não? Bem, talvez nunca saibamos, mas, no mínimo, aconteceu uma tentativa de produção de diferença.³⁵

1 [ou... cronograma possível de atividades]

Data	Leitura de referência	Atividades
xx/xx/xxxx	CALVINO, Ítalo. Por que vocês escrevem? <i>In</i> : CALVINO, Ítalo. Mundo escrito e mundo não escrito : artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 110-112. NARCIZO, Elaine. Porque Brenda escreve. <i>In</i> : GUIMARÃES, Ana Clara de Britto Guimarães (org.). Retratos da vida em quarentena . São Paulo: Elefante; Dublinense, 2021. p. 49-54.	Apresentação da proposta das oficinas 1ª oficina: Responder à pergunta, sem dar respostas a Calvino e Brenda: “POR QUE DIABOS VOCÊS ESCRIVEM?!”
xx/xx/xxxx	LE GUIN, Ursula K. A teoria da bolsa de ficção . São Paulo: N-1 edições, 2021.	2ª oficina: costurar uma bolsa durante o encontro, seguido de andanças pelos entornos do local do encontro para recolher objetos a serem colocados nessa mesma bolsa e que podem inspirar um conto.

33. BARTHES, 2022.

34. “Compor é, pelo menos tendencialmente, dar a fazer, não dar a ouvir, mas dar a escrever” (Barthes, 2022, p. 253).

35. ERNAUX, 2023.

xx/xx/xxxx	PEREC, Georges. Tentativa de esgotamento de um local parisiense . São Paulo: Gustavo Gili, 2016.	3ª oficina: ficar três dias em frente à praça mais próxima, sem dormir ou voltar para casa, anotando tudo o que se passa e sem deixar nada passar. Em seguida, criar um conto de apenas três páginas, com todos os elementos anotados.
xx/xx/xxxx – FERIADO MUNICIPAL DE NOSSA SENHORA DE SANTO ANTÃO	–	SEM ATIVIDADE POR CONTA DO FERIADO
xx/xx/xxxx	ABREU, Caio Fernando. Morangos mofados . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Capítulo UMA CARTA DE CAIO FERNANDO ABREU CONTA O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE MORANGOS MOFADOS + UM CONTO A LIVRE ESCOLHA).	4ª oficina: escrever uma carta para Caio Frenando Abreu e esperar a resposta dele por mensagem via <i>WhatsApp</i> .
xx/xx/xxxx	BARTHES, Roland. A câmara clara : notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (TRECHOS A LIVRE ESCOLHA)	5ª oficina: realização de uma oficina de fotos analógicas, seguida da escrita de um conto com as fotos reveladas.
xx/xx/xxxx	GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços . Porto Alegre: L&PM, 2015 (CAPÍTULOS A LIVRE ESCOLHA). e/ou BAUDELAIRE, Charles. Pequenos poemas em prosa . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966 (CAPÍTULOS A LIVRE ESCOLHA). e/ou QUENEAU, Raymund. Exercícios de estilo . Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.	6ª oficina: aumentar um dos minicontos das leituras de referência, sem tirar o que já foi escrito pelo autor e criar algo novo.

xx/xx/xxxx	BARTHES, Roland. A morte do autor. <i>In</i> : BARTHES, Roland. O rumor da língua . São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.57-64.	7ª oficina: Assassinar umx contista e trazer seus restos mortais para o encontro. Em seguida, roubar um texto produzido por elx, jogando fora o que não interessa e reescrevendo o trabalho já publicado.
xx/xx/xxxx	ESCOLHA DE UM CONTO A LIVRE ESCOLHA	8ª oficina: Escrever um processo contra o autor contista, exigindo a autoria do conto escolhido, <i>royalties</i> , direitos autorais e reparação por danos morais.
xx/xx/xxxx	CALVINO, Ítalo. O castelo dos destinos cruzados . São Paulo: Companhia das letras, 1991. (Capítulo NOTA + UM CONTO A LIVRE ESCOLHA)	9ª oficina: recriar a atividade do livro O Castelo dos Destinos Cruzados e criar um conto a partir das cartas tiradas durante o encontro. (ENCONTRO CANCELADO POR CONTA DA CHUVA)
xx/xx/xxxx	-	- Finalização dos trabalhos - Entrega e leitura do trabalho final.

0

Por vezes, imagino este livro na prateleira de algum sebo no futuro, nem tão distante, mas também nem daqui a quinze dias. Nesse hipotético dia por vir, alguém que não conheço se curiosa com o título, tirando-o do sufo-cante encontro das lombadas de livros antigos e empoeirados da prateleira daquele mesmo sebo. Folheia, olha a contracapa, encara a capa e, por fim, percebe que foi dedicado a alguém: é somente nesse momento que esse futuro alguém entende a importância de levar este livro para casa. Quem

sabe, assim, inicia-se um novo ciclo de contação de histórias, de oficinas, de um novo livro ainda por vir a partir da leitura deste aqui.

-1

Mas não leve isso muito a sério, tudo bem? A coisa é grave e urgente, mas também não é para tanto. (E isso não quer dizer que é para ser pouco rigoroso, são coisas diferentes).

Referências

- ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- AS CADERNETAS de Ignácio de Loyola Brandão. São Paulo: Grupo Editorial Global, 2016. 1 vídeo (4 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b3s1_qZe6Uc. Acesso em: 10 out. 2025.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Coimbra: Edições 70, 2022.
- BLANCHOT, Maurice. A fala cotidiana. In: BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 2**: a experiência limite. São Paulo: Escuta, 2007. p. 235–246.
- CALVINO, Ítalo. **O castelo dos destinos cruzados**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.
- CORTÁZAR, Júlio. **A volta ao dia em 80 mundos**. Lisboa: Cavalo de ferro, 2023.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Paris: Éditions Montparnasse, 1989.
- ERNAUX, Annie. **A escrita como faca e outros textos**. São Paulo: Fósforo, 2023.
- FOUCAULT Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FOUCAULT Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Cóllege de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

GAGNEBIN, Jean Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (orgs.). **Walter Benjamin: Rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

JARRY, Alfred. **Exploits & Opinions of Dr. Faustroll: Pataphysician**. EUA: Exact Change, 1996.

JESUS, Jessica F. Oliveira de; CASSILHAS, Fabrício Henrique Meneghelli; SANTOS, Silvana Martins dos. Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 1-7, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/3jXz5YRMWztnTZbcjM5t7sm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2026.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. Sob a árvore das palavras: oralidade, escrita e memória nas literaturas de língua portuguesa. **Intersemiose**, [S. l.], p. 30-37, jun./dez. 2012. Disponível em: <https://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2012/11/O2.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2026.

RUBIÃO, Murilo. Entrevista com Murilo Rubião. Entrevista concedida a Elizabeth Lowe. **Chasqui**, Equador, v. 7, n. 3, p. 24-33, 1978.

SILVA, Ricardo Luis. Prefácio: experiência do inútil, enfim. In: PEREC, Georges (org.). **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016. p. 6-10.

SMITH, Patti. **Devoção**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

TCHÉKHOV, Anton Pávlovitch. **Sem trama e sem final: 99 conselhos de escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NOSSOS CONTOS

Apresentação

No dia 24 de junho de 2025, realizamos uma oficina de contos como parte de uma atividade avaliativa para a disciplina optativa *Psicologia e Saberes de Comunidades Tradicionais*. A proposta da atividade consistia na disposição de várias fotografias que conversavam com temas trabalhados até então: cada aluno escolhia uma imagem que deveria ser colocada em qualquer lugar da sala. Após essa etapa, lançamos o comando: “*Escrevam um conto a partir dessas imagens*”. Como demanda dos alunxs que participaram desta oficina, alargamos a experiência na criação de um projeto de extensão realizado ao longo de dez encontros e que aconteceram entre os dias 06 de outubro e 15 de dezembro de 2025, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Aberto à comunidade, o projeto contou com a participação de estudantes de outros cursos e de períodos iniciais do curso de Psicologia. Como forma de certificação e participação, pedimos a entrega de um conto no último dia das oficinas. Os trabalhos autorizados para publicação seguem nas páginas dessa seção...

Eu não sei contar

Pedro Cesar Nascimento Bassul

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.2

As imagens não me chamam, antes apagam a chama que as palavras incendeiam. Além do mais, ainda bem que me chamaram para contar e não para cantar. Contar eu sei: um, pontinho, pontinho, pontinho... *ad infinitum*. Verdade é que quis jogar todas as fotos no lixo, sorte minha que não tinha uma lixeira na sala. Voltando aos números, me parece que o que importa é não parar no um: que seja mesmo -1 – menos nada. Ok, admito que não sei contar números, nem sei contar imagens. Talvez eu devesse mesmo é contar palavras; afinal, vai que do cálculo sai uma canção de vida! Vida chamada no verbo que incendeia a carne que cozinha no caldeirão do “abece-dário”. É, não sei como se escreve essa coisa que representa esse conjunto aberto e infinito composto por a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z. Pelo visto, também não sei escrever, vou ter que passar a viver no cantarolar – ou melhor, cantar-olá, isto é, com-tar-olá.

Uma carta a Caio Fernando Abreu

Luiza Dias de Oliveira

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.3

Vitória, entre 3 de novembro e 16 de dezembro,

Caro Caio,

Estive lendo suas cartas, vasculhando seus escritos, tentando abocanhar um pedacinho das suas palavras; ver se me inspiro para escrever algo que posso, de algum modo, chamar de meu. Parto, assim, — e penso em partir da mesma forma que se parte a uma viagem ou se parte de um encontro com os pensamentos a mil — de sua carta a Zézim. E, apesar de eu estar muito longe de ser Zézim e de essa escrita endereçada nunca chegar a seu endereço, quis escrever uma resposta, ou melhor, meu texto em cima de seu texto, já que divago muito mais do que respondo. Acho que é uma espécie minha de *desresposta*, mais cauteloso dizer assim; em momento nenhum, quero me prontificar a responder qualquer coisa que seja.

Sua carta me toca em vários pontos. Penso na necessidade de escrita e na dificuldade disso, me pergunto sobre o desejo de escrita — quero ou *quero* escrever? —, me apego à tristeza de Clarice, que parece tanto sangrar em suas obras, e, por fim, me demoro no vômito pela goela no dedo. Mas, entre tudo o que digo, me encanta também onde nos desencontramos dentro dessas convergências, as diferenças que nos levam até uma espécie de lugar comum. Aliás, já me pergunto se escrevo mesmo sobre sua carta ou sobre uma outra coisa misteriosa que criei na minha mente sem nem me dar conta, meu fantasma da carta a Zézim, de Caio Fernando de Abreu.

Não vivo de escrita, ou pelo menos não *stricto sensu*, se é que se pode falar de escrita de modo tão rígido. Preciso escrever, claro, relatórios de es-

tágio, trabalhos finais, talvez um artigo para decorar o *lattes*. Pensando bem, acho que também preciso escrever, escrever no sentido de sangrar — como você mesmo coloca em algum ponto —, dar alguma consistência material a pensamentos que sempre me parecem tão abstratos. Que engraçado, me preparei para falar de um lugar de diferença nosso, mas, quanto mais me deixo devanear, mais começo a cavar buracos em lógicas que já me pareceram tão claras antes. E menos me preocupo em tapar esses buracos, em seguir fielmente uma espécie de fio condutor, em me ater a sua própria carta, algo que, em um primeiro momento, já me foi o precioso material base para este texto ou algo do tipo. Já parece que isso foi há tanto tempo.

Vomitando palavras. Que interessante! Acho que deve ser o que, por aqui, chamamos de associação livre. Vômito, víscera. Não é isso o que cura o mal-estar? Como me curar? Como tiro isso de mim? Como vomito tudo, até a última gota? Colocando o dedo na garganta? Interessante isso (e, aqui, assim que escrevo, vejo que repito o *interessante*, já usado no início do parágrafo, em uma tentativa de levar, a ferro e fogo, o vômito, minha associação livre; se for para escrever, que assim seja, mas, como na oralidade, sem retirar a palavra dita, escrita fresca, feita no quente). Me perco nesse vômito; quando se coloca o dedo na goela, fica difícil tirar: escrevo, me extravio, me encontro nesse deixar ir, mas só por tempo o suficiente para pular para o próximo assunto. Comecei a carta com tantas ideias e cheguei aqui com tantas outras, ou tantos protótipos, rabiscos de ideia. Ao mesmo tempo que falo muito, parece que falo tão pouco, e um pouco tão diferente do pouco com o qual comecei.

Associação livre. Espaço para dizer e se surpreender com o que é dito. Espaço no qual, quando me deixo surpreender, já parto para a próxima. E, agora, quando sinto que vou me esvaindo sem antes completar qualquer destino, me pergunto como marcar o fim de algo do qual não entendi nem qual é o meio. Como percebo em qual momento já terminei de contar se sempre parece que sequer comecei? Como mato esse dedo na goela antes de me deixar levar totalmente e abandonar de vez o vício em propósitos, respostas e sentidos?

Atenciosamente,
Luiza

Humano

Anelise Dambroz Spinassé

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.4

Tudo começou com uma carta. Retirada de um baralho, em uma noite de segunda-feira, em uma sala escondida no final de um longo corredor. Os sinais diziam que era um lugar esquisito, perto demais da parte do prédio abandonado onde as plantas começavam abraçar os corrimões e se espalhar pelas paredes. Os sinais diziam, mas, dentro da sala, havia dez ou onze vozes muito agitadas, reunidas sob uma luz dessas meio brilhantes demais, das quais não se consegue escapar hoje em dia. E essas pessoas tiravam cartas de um baralho.

Uma delas deslizou pela mesa, graciosa. Era uma carta retangular, quase sem sentido, com imagens de vinhas verdes que envolviam um símbolo. Continha um silêncio que era quase alheio àquela sala. E continha também uma visão, uma janela ou um portal...

*

Através dele, a coisa brilhava. Em algum lugar além do denso verde da floresta. Mas como poderia? Não era a luz avassaladora dos raios de sol, não eram os astros no céu, não era o mundo preso nos olhos escuros do animal. Não, era algo alheio, estranho, fora da própria língua. Não havia palavras para descrevê-la — aliás, não havia palavra alguma.

Ela saltou por entre os galhos caídos. A figura longa, esguia, coberta de pelos vermelhos. Há muito tempo, se houvesse alguém ali, talvez ela tivesse um nome. Talvez alguém soubesse que eram mamíferos pequenos, que pertenciam a um ou outro gênero da família *Canidae*, que, uma vez, viveram

em quase todos os continentes e que foram caçadas por matilhas de cães incitadas por um bicho ainda mais raivoso.

Se tivesse alguém ali, teriam a chamado raposa. E, depois, teriam puxado retângulos brilhantes cobertos de luzes e gritado “que fofinha!” enquanto ela erguia as orelhas e saltava para longe. Ela teria feito isso, apenas para pousar no concreto quente e ser engolida por um monstro de metal. Isso teria acontecido, *se houvesse alguém*. Mas já não existia ninguém. Nem nomes, ou asfaltos, ou celulares, ou armadilhas de metal, ou o bicho chamado humano.

Erguendo o focinho, ela saltou na direção da coisa que brilhava, alheia a qualquer outra coisa que estivesse observando. Talvez porque soubesse que não havia nada que pudesse olhar, além dela mesma, que avançava na direção do objeto. O dia estava claro, e os raios de sol passavam pela cobertura das árvores, iluminando aquele cantinho esquecido do mundo. Mas não era o sol que brilhava ali no chão, enrolada entre vinhas de um verde profundo.

Entre o leão e a palavra: papel, caneta, corpos e experimentação em escrita

Jomar da Rocha Farias Zahn

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.5

Estamos chegando à estação do verão; com ele, vêm a chuva e o calor escaldante. A proposta para a noite era participar de uma oficina de escrita; não havia plano, apenas um campo de forças. Ao chegar à sala, as cadeiras em círculo, e a escrita se daria a partir da imagem ou do que se constituiu sobre a mesa com as imagens pelas lentes de quem olhou ou do que lhe afetou.

Sobre a mesa, inúmeras imagens; não era para prever o futuro, mas deslocamentos. Ouviu-se: escolham, podem escolher e coloquem sobre a mesa. Mãos hesitantes, risos no canto da boca, olhares desconfiados, o corpo acontecendo a palavra. A força emerge – uma mulher abrindo a boca de um leão com delicadeza impossível. O silêncio pairando; ele também é palavra, escreve.

Agora, escrever a partir da Força; não *sobre* a Força, mas *com* ela. Algo pairava no ar como um aviso: não representar, experimentar. Não explicar, fazer passar intensidades. A escrita como máquina desejante, acoplada a outras máquinas: o corpo cansado do estudante-trabalhador, a expectativa, o medo do branco da página, o desejo de dizer sem saber o quê.

As canetas começaram a riscar como insetos. Sabe quando é final de tarde e a noite chega e os insetos aparecem no entorno da lâmpada? Uma estudante escreveu para a mãe que nunca soube ser fraca. Outro escreveu para o próprio medo, pedindo que não fosse embora. Houve quem escrevesse para um leão invisível que habitava o peito desde a infância. As

cartas não buscavam destinatários estáveis; endereçavam-se a zonas de vizinhança. Eram cartas-rizoma, sem começo nem fim, apenas meio.

Em certo momento, alguém leu em voz alta. A voz tremia, mas não de fragilidade — tremia de excesso. A Força não era domínio, era sustentação do quase. Um agenciamento coletivo de enunciação se formava ali: cada texto contaminava o seguinte, frases escapavam de uma folha para outra, ideias migravam sem pedir autorização. A oficina deixava de ser atividade pedagógica e tornava-se acontecimento.

As escritas no movimento de: não revelar um sentido oculto ou direção, mas produzir um deslocamento. A escrita não como expressão de um eu, mas como passagem de forças impessoais. Uma estudante disse que nunca tinha escrito “assim”, sem saber o que viria depois da frase. Outro disse que sentiu o corpo escrever antes da cabeça.

Guardamos as imagens sem fechar nada. As imagens permaneceram circulando, não como arcano, mas como devir. Saíram dali com as mãos sujas de tinta e o movimento do pensar fora do lugar. E talvez fosse isso a oficina: não ensinar a escrever, mas deslocar, criar, dar passagem para escritura.

A sala aonde as ideias vão para morrer

Vivianne Flavia Cardoso

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.6

Todas as quintas-feiras são dia de planejamento. A sala é escura, pequena e não tem janelas.

Essa sala também é cheia de coisas, muitas coisas que causam estranheza a quem não as produziu: bolas de meias, petecas, plumas, latas que viram brinquedos, sacos de papel picado, peixe-balão, vara de pescar.

Começamos a reunião caótica. São muitas pessoas na sala, todas falam ao mesmo tempo.

As ideias se cruzam, se atropelam, se empilham.

Depois, a ordem toma conta.

Isso não pode.

Isso pode dar alergia.

Você já escreveu um projeto?

Vai demorar meses.

Não tem verba.

O horário não pode ficar assim.

... e é a gota d'água.

As vozes vão diminuindo. Vejo pessoas se encostando nas cadeiras, desanimadas. Outras seguram as bolsas como escudos. Alguns tentam protestar, mas param no meio da frase e, de repente... silêncio.

A sala encolhe. O ar fica sufocante. Ninguém mais interrompe.

Com o passar do semestre, nossas “bagunças” foram expulsas da sala de planejamento. Uma a uma. A sala ficou limpa, organizada. Na minha opinião, estéril.

Todas as quintas-feiras, saio da sala com minhas ideias quase mortas.

Ao longo da semana, entro na sala com os ombros caídos, cansada, e meu material — assim como minhas ideias — fica ali, na porta, me esperando voltar.

Ao sair, a visão da luz do sol batendo no pátio, o barulho das crianças, aquele tapete de flores amarelas que se forma na primavera. Não havia o toque da morte, mas um sopro de vida. É ali que as ideias ganham fôlego.

As ideias insistem em não morrer. Podem até ser expulsas, nunca mortas.

Toda sexta-feira, elas renascem. É nas sextas que pego uma turma de crianças de seis anos, nossas bagunças, e entramos na sala.

Em poucos minutos, o chão já não aparece.

As mesas mudam de lugar.

— Oi, tia! O que você está fazendo?

As bolas de meia rolam.

O papel rasga.

As vozes sobem.

A sala continua escura. Pequena. Sem janelas.

Mas, dessa vez, as ideias não pedem permissão.

Elas entram.

Ocupam.

Ficam.

E, por algumas horas, a sala não é mais aonde as ideias vão para morrer.

É onde elas aprendem a respirar.

Dona Geralda

Vinícius Tamanini Salamão

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.7

Padre, cálice, anjo, eucaristia. Estola, batina, kufi, estandarte. Um círculo em volta do altar, uma missa a celebrar. Fé católica e doutrina cristã se misturam com movimentos diaspóricos de um Brasil. Ambos são tradição, ambos constituem, sincrética e antropofagicamente, o que nomeamos brasileiro. Falam de fé, falam do que move almas e gentes que transcendem com chão no pé.

Força, fluxo e tecido formam a malha corporificada de uma mulher que carregava consigo essa canja de saberes, crenças e fazeres que só quem é brasileiro sabe como é. Geralda era benzedeira, católica, de fé verdadeira. Mulher negra devota de Maria, a virgem mãe, sua advogada e escudeira, intercessora, Aparecida, santa preta brasileira.

Geralda debulhava de seu terço o trabalho árduo de cada dia. Cada conta rezada, cada grão de café colhido, uma Ave-Maria. O rosário inteiro era mais que sua fé, era seu dia a dia. E, numa lavoura e outra, debaixo de sol e suor no rosto, o milagre acontecia. Geralda descia o morro, abria as portas de sua casa, escutava a dor, a angústia, a agonia, recitava suas orações, rezava, benzia. Não havia um dia sequer que a dificuldade não a encontrasse, mas viveu a vida toda com sabedoria e alegria até o último dia.

Morreu como se morre um pássaro! De repente, sem dar notícias, cansada, fatigada de tanto trabalhar, infartou. Alguns falam que não se cuidava, que resistia aos médicos, não gostava de remédios, acreditava demais nas ervas e nos chás. Eu diria que ela nunca desistiu de ser quem era, de viver como queria, soube aceitar a morte, reconhece-la e acolhê-la, abraçou-a

como fez São Francisco e partiu como disse que partiria: livre e com alegria. Eu diria que dona Geralda até hoje ainda vive, em mim, em sua família, em cada um que, por ela, passou um dia. Enquanto existirem filhos de Geralda, seu coração continuará pulsando todos os dias.

Faça um pedido, Teresa!

Luísa Mendonça Raggi

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.8

Completamente alheia aos olhares apreensivos, Teresa se demorava em frente às velas. Não podia assoprá-las, não sabia como gastar seu pedido. Sentia que tinha tudo que julgava necessário a uma menina feliz. E, ainda assim, perturbava-se por uma falta de algo que não conhecia. Era ingrata, sabia bem. Sua mãe, criada com a familiaridade do pouco, constantemente a lembrava: “Teresa, a você, nada nunca é o bastante, te estraguei foi por sobra.” A menina tinha vergonha de expor o equívoco justamente àquela que lhe dera o seio; mas, no íntimo, experienciava-se faltante. Era como se, mesmo caminhando sobre duas pernas, marchasse manca, sentindo falta de uma terceira que, só depois que aprendera a andar, lhe fora tirada.

Com a cabeça baixa, punha-se a examinar as pernas dos convidados da própria festa. Olhava, a essa altura, para as canelas da mãe, escondidas pelo tecido do vestido de poá, sabendo que, do outro lado da estampa de bolinhas, doíam-lhe as varizes. Diante da consciência da dor de um corpo que lhe fora parte seu, sentiu-se involuntariamente retornando ao ventre originário. Assistia a si mesma agora pela lente dos olhos da mãe: se via curva demais, desleixada, moleca demais; atrás do bolo caseiro, decorado por uma camada fininha de glacê.

Ainda que indelevelmente pirralha, não podia ignorar a face de mulher que desabrochava depressa da sua carne de menina. Lembrava-se da história de quando sua mãe a tinha na barriga e, ansiosa em conhecê-la, pedia por uma garotinha forte, de cabelo cheio e encaracolado. Como dizem, falava a mãe, Deus escreve certo por linhas tortas. Teresa nasceu raquítica e quase careca; passou semanas em cuidados hospitalares antes que pu-

desse conhecer o cheiro de rua. Mas era uma bebezinha doce e chorava só de vez em quando, de um jeito tão mansinho que parecia ter medo do som do próprio choro. Não gostava de colo e, por isso, nunca deu à mãe dores nas costas. Preferia brincar sozinha; era como se tivesse nascido para si. Crescia desse jeito, meio alheia à vida — mas não tanto: tinha medo de degustar demais da sua preguiça de viver.

A primeira vez que a mãe a botou nos braços, tão magrinha, pressentiu que dali sairia uma mulher egoísta. Para ser generosa, pensava a mãe, era preciso que lhe sobrasse algo; Teresa, no entanto, nascera a conta. O que não aceitava: dando-lhe tanto, esperava algo em troca. O quê? Não sabia.

Tinham naturezas infelizmente dissonantes: a mãe, desde mocinha, estimava as mulheres pelo feitio caridoso; quando olhava para a filha, via-a malfeita, achando que lhe carecia logo a matéria essencial que se faz uma mulher. Mas Teresa ainda era uma menina; a mãe se esquecia. Era difícil lembrar-se. Para ela, a infância sempre fora uma terra distante, onde nunca chegara a pôr os pés.

Quando levava a menina ao parque, sentava-se no banco mais afastado, temendo que, ao vigiá-la perto demais, acabasse por aprender a brincar; e, uma vez aprendido o gesto, já não pudesse mais detê-lo. Era perigoso: respondia com a falta, dando-se ao excesso. Fez assim com a criação de Teresa. Mas já passava da hora, estava cansada, a filha lhe pedia tempo demais para crescer: Anda garota, se está em dúvida, faça mais de um pedido, gritou a mãe impaciente com a menina. Teresa permanecia estática atrás do bolo. A sala da casa se afundava em tensão. Os poucos convidados da festa, constrangidos, riam sem graça por não conhecerem outra coisa a se fazer.

Algo, não entendido a olhos nus, acontecia a Teresa: a menina dava-se conta de que, clandestinamente, a mãe apressava o fim da noite. Cada detalhe encoberto fazia-se visto: o alfinete esquecido no vestido de babados, as bebidas servidas quentes, a sujeira recolhida antes de chegar ao chão. Nada lhe escapava. Do mesmo lugar de onde Teresa transmutava-se em mulher, explodia o alívio da mãe. Seu aniversário era morte e nascimento.

Em busca de conhecimento

Juliana Ribeiro do Amaral

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.9

Acordar, retornar de um lugar distante e, ao mesmo tempo, tão perto. Criar forças para enfrentar o dia.

Alguém saiu de casa hoje, caminhando apressadamente em meio a ventos, torres, criaturas mecânicas e outros caminhantes que, tais quais alguém, caminhavam. Ao chegar à principal estrada que o levaria a seu destino, alguém esperou por pouco tempo por seu maquinal transporte, imenso em tamanho e pequeno em espaço. Olhou e escutou viajantes parecidos com ele. Outros tão diferentes. Todos sob o mesmo teto. Obra do acaso, quem sabe? Cada um com seu misterioso propósito e misteriosa história, das quais alguém nunca tomaria conhecimento.

Um tempo que parecia esticar-se sobre si mesmo.

Alguém chega, então, ao seu tão esperado destino. Precisa começar o dia, afinal, apesar de já ter feito tanto, pensado tanto, sonhado tanto.

Durante o dia, tudo e nada ao mesmo tempo.

O corpo parece querer esconder-se debaixo da terra, longe das luzes, buzinas, demandas e concretos.

Alguém fecha os olhos e se vê longe, longe, longe. Em algum lugar do espaço-tempo ainda desconhecido. Se vê no meio do mato. Mosquitos, folhas, sapos e tudo mais. Se vê no mar flutuando em um dia de sol. Desce ao abismo abissal, conhecendo quem quiser ser conhecido no meio do caminho, e volta. Se vê em casa comendo, rindo e partilhando.

Ao abrir os olhos, lentamente, percebe uma outra presença. Um alienígena que veio de longe, longe, longe. Pelo menos, assim acha alguém. Os detalhes da troca são um mistério. Destruição em massa? Conselhos divinos? Conhecimento proibido? Premonições e passados perdidos? Quem sabe... E como se parece esse visitante caminhante viajante? Tem boca? Qual sua cor? Qual sua forma? Novamente, esse segredo só alguém sabe e, quem sabe, não vai contar?

Prazos e horários, hora de caminhar o caminho de volta. Por esse motivo, se despedem em meio à fumaça, finalizando apressadamente uma conversa que, sob outras condições, seria inesgotável.

De volta em meio a ventos, torres e criaturas mecânicas, alguém percebe algo mudando em algum lugar dentro de si. Algo esse que não é seu, mas de quem mais seria?

Alguém sente e sorri.

Hora de dormir.

Manobras evasivas

Yago Serafim Schwider

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.10

Thiago não era mais que um rapaz, não menos que um homem. Era do tipo que preferia evitar estar no centro das coisas, sejam lugares ou atenções. Estar perto dos cantos, em especial da saída, o deixava mais calmo. Na sala de aula, restaurante ou cinema, mapear as rotas de fuga era automático, aliviante. Raramente pensava muito sobre isso. Quando o fazia, dizia a si mesmo que era prudência; se considerava prudente.

Por prudência, quando alguém se aproximava demais, ele costumava fazer cortes limpos, sem deixar rastros. Um comentário atravessado, uma piada péssima, um “vamos marcar” sem data. Chegar depois, sair antes, não ir. Usar a rota de fuga.

Nada disso funcionou com Abner.

Abner talvez fosse um pouquinho mais que um rapaz, um pouquinho menos que um homem: era, sobretudo, alguém disposto a agradar, do tipo que preferia nunca estar sozinho. Na sala de aula, restaurante ou cinema, estava pronto para entrar na onda dos outros, sintonizar com seus colegas, dar a eles o que queriam ouvir, criar memórias de gargalhadas. Raramente pensava muito sobre isso. Quando o fazia, dizia a si mesmo que era só questão de adaptabilidade; se considerava sociável. Sabia se fazer caber.

A relação com Abner começou como Thiago aguentava: leve, descompromissada, invariavelmente rasa. Conversas simples, mensagens espaçadas, encontros que eram praticamente acaso.

Abner aceitou. Estava disposto a se adaptar, dançar no ritmo alheio. Isso pouco durou. Abner começou a fazer questão de estar presente, de pla-

nejar encontros. Thiago percebeu cedo, era muito atento a esse tipo de movimentação, mas preferiu o silêncio. No início, não se sentia sufocado. Gostava demais de Abner. Ele o fazia rir com uma facilidade ímpar. Entretanto, quando Abner dizia “nós”, Thiago se engasgava. Quando Thiago notou uma escova de dentes extra em seu banheiro, sentiu falta de ar.

Por vezes, um incômodo mudo se instalava em seu peito. Não dizia nada, apenas incomodava.

“Você parece distante, às vezes. Mesmo estando juntos”, Abner disse com um sorriso triste numa noite qualquer, no apartamento de Thiago. A pizza esfriava entre eles.

Thiago tinha uma resposta pronta e treinada: a rotina, o estágio, a faculdade. Como é difícil estar presente quando está cansado. Sorriu para apaziguar. Justificar sem se comprometer.

“Você fica tenso quando eu me aproximo”, em outra noite, acompanhado de um sorriso fraco e um olhar cauteloso, como quem se aproxima de um animal ferido à beira da estrada.

A insistência desconcertou Thiago por um instante. Então, negou, explicou, desviou. Falou algo sobre valorizar o espaço pessoal. Justificar sem se comprometer.

A verdade não era tão elegante. A intimidade acionava sensações antigas e horríveis. Vulnerabilidade era perigo. Ser cobrado era exaustivo, e ele se sentia cobrado o tempo todo. Nunca entendeu por que aniversários eram tão importantes. Para Abner, aniversário era esse grande evento celebrativo. Para Thiago, era só um compromisso que não podia ser arrancado do calendário.

Cedo demais, Thiago aprendeu a evitar. Começou pela família, que era chata demais, depois a escola, rígida demais, depois os colegas, carentes demais. Não demorou muito a notar que ele mesmo era cheio de si demais, mas preferiu não dar razão a esse pensamento.

Na última noite: “Você fica indo e vindo, e eu me pergunto o que eu fiz de errado”, a voz de Abner embargou, ele estava prestes a chorar. Não havia

sorriso. Tinha muito a dizer e já não conseguia mais esconder. Limitou-se a dizer pouco, o necessário.

Thiago sentiu uma culpa brutal e um alívio indecente. Um retorno à estaca zero, à distância de sempre, poderia ser um bom recomeço. Uma escova de dente a menos em seu banheiro. Mas ouvir aquilo doeu. Doeu muito mais do que ele esperava.

Pensou em tudo que poderia dizer, todas as rotas de fuga à sua disposição. Ensaçou balbuciar, dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas as palavras sufocaram em nós no fundo de sua garganta.

Abner esperou uma resposta. Um corte. Uma desculpa.

Recebeu silêncio.

Das manobras evasivas, essa foi a melhor.

Abner pegou suas coisas e saiu.

Quem está andando por aí?

Morena Oliveira Sartório

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.11

Imensidão, vazia? Um corpo jovem, energético e cheio de esperanças se depara com o mundo “real”. Ele se interessa em conhecer o que há de bom e grandioso no extenso território composto por enormes prédios. Concreto aparente e vidros dominam a visão dessa criança. É assim que ele se sente agora: uma criança em meio a impressionantes produtos da civilização e do progresso. Como pode, com tanto espaço nessa cidade que produz mais espaços, verticalidade, alguém se sentir tão isolado, tão só?

O jovem olha ~~para~~ p/ cima; o céu, antes infinito no horizonte, é agora emoldurado pelo enquadramento torto feito pelos prédios. Esses, sim, parecem ser infinitos. Se estendem e dominam o que tenta crescer e se enraizar. Não existe espaço (nem tempo) p/ criar raízes, e galhos, e folhas, e frutos. O jovem se preocupa: como vai encontrar comida quando a fome chegar, em um lugar que recusa qualquer produto além de um tal de progresso?

Ele conta carro cinzas, pretos e brancos. Às vezes, um carro vermelho, contam os olhos do espectador. Mas o jovem não tem um carro, tem apenas seus fiéis pés, às vezes fortes, mas, agora, frágeis. Andando, esse rapaz já chegou a muitos lugares pelas estradas de terra e algumas pontes de madeira. Mas o asfalto queima seus pés, e ele não é burro. Sabe que, para jogar o jogo do progresso e da civilização, deve usar as armas deles (mas onde encontrar sapatos que não deixem o calor passar?).

Olha p/ os lados e sente saudades das nuvens e da água líquida (o que está fazendo nessa cidade mesmo?). Da liberdade de olhar para frente e ver o horizonte, desenhado através do mar ou de um morro. Na metrópole, ele só vê até o outro lado da rua, ~~quando~~ onde um novo prédio começa.

O cenário preto e branco causa aflição. Não é como as fotos bonitas que ele e os amigos faziam e tiravam as cores como forma de intensificar. Lá, em meio aos corredores de vento que os prédios permitiam existir, o jovem se agarrava às suas memórias, coloridas e vivas, para tentar manter a sanidade ou só para tentar ser um pouco de si mesmo.

Olhando para o céu novamente, mais calmo por se deixar perder na mente, uma nuvenzinha solitária parecia se preocupar com ele, gritando que logo faria chover. Ele, capaz de ouvir e escutar não só as nuvens, se alegrou: “Acho que ainda sou um pouco eu”. O grande vazio que teimava em crescer nele, nutrido na aflição, se aquietou. Não morreu nem fugiu do jovem, mas ele agora estava mais atento, mais firme em si mesmo e no que veio antes dele. Se a chuva ainda era capaz de cair em um lugar tão inóspito, qualquer um, como ele, também poderia se fazer infinito.

O que não consegue ser dito

Tânia Pereira Leal

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.12

Desci do ônibus. Sinal fechado. Durante a espera, ansiava para que a nova escola, onde ficaria por apenas quarenta dias, fosse calma. Já era novembro, e parecia que havia, em meus ombros, a materialização de cada mês em quilos.

Durante todo o ano, trabalhei no contraturno, cobrindo a ausência de alguma profissional que se licenciou, todas por adoecimento. Esta seria minha quinta escola. A constatação fez meus batimentos cardíacos acelerarem; dobrei os pesos. Estou sempre “indo”, nunca estando. Não há presença real.

O semáforo abriu e piscava como quem avisa: “Vai indo”. Enquanto atravessava a faixa de pedestres, na minha cabeça cantarolava:

— “Olá, como vai?”

E a segunda frase pareceu que eu respondia para mim mesma:

— “Eu vou indo, e você, tudo bem?”.

Sempre indo, nunca ficando, mas me respondi: estou bem!

Cheguei um pouco antes do meu horário de trabalho para me apresentar à equipe e receber as orientações. A escola estava calma. Era o horário de descanso das crianças, visto que ficam nove horas ali. Uma música suave tocava, e um número reduzido de alunos, que não queriam dormir, realizava uma atividade orientada. Fui recebida com entusiasmo. Iria atuar junto à equipe técnico-pedagógica, e as atribuições e tarefas urgentes me foram passadas pela direção. O tempo se encarregaria da adaptação.

Aos poucos, a escola foi acordando; a música foi substituída pelas vozes infantis. De repente, a porta da sala é aberta de forma abrupta. Uma professora, de mãos dadas com uma criança, fala de maneira acelerada; sua postura e a velocidade da voz denunciavam sua exaustão. Apenas pergunta:

— Quem é você?

Respondo:

— Estou aqui para substituir a pedagoga.

— Preciso de ajuda! Disse ela.

O menino estava agitado. Tinha apenas quatro anos e tentava ferir o outro como se o excesso dentro dele precisasse escapar por algum lugar. E escapou em chutes e tapas que me atingiam, mesmo sem ainda ter proferido nenhuma palavra. A professora estava agitada; ainda era jovem para aquele corpo que transbordava de cansaço acumulado, negligenciado e normalizado. Juntas, acolhemos como foi possível as crianças, e sugeri que, por um breve instante, ela escapasse. Eu ficaria com ele. Antes que ela saísse da sala, perguntei se ela estava bem.

— Vou indo!

Era sempre essa a resposta.

— Depois, a gente se fala.

Mas nunca se fala.

Fiquei com o menino. Ele não ficou bem, apenas aliviou um pouco seus excessos. O horário do lanche chegou, e tive que levá-lo. Sentei-me sozinha na sala vazia. O relógio andava, mas o tempo não. Fui convocada para outra demanda e não consegui reencontrar a professora e o menino novamente naquele dia: ninguém se encontra, ninguém se escuta, tudo é interrompido.

Cheguei a casa e ouvi a canção inteira. Pensei no menino, pensei na professora e pensei em mim enquanto ouvia:

O sinal

Eu procuro você

Vai abrir, vai abrir

Prometo, não esqueço

Por favor, não esqueça, não esqueça, não esqueça

Adeus...

No dia seguinte, desci do ônibus. Sinal fechado. Estou sempre "indo",
nunca estando. Hoje, eu vou ficar!

Contrabando

Juliana Labatut Portilho

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.13

Já faz algum tempo que acordar é muito cedo. Ao longo da vida, dormir foi a prioridade; possivelmente, os sonhos são os responsáveis. Agora, falta tempo.

A lembrança que aparece é a de uma cena escura, molhada, muitos tons de cinza. O espaço parecia uma caverna, talvez algum lugar escondido do metrô de São Paulo. O corpo estava sozinho, coberto por uma roupa de couro fosco chumbo, úmido de água, suor e medo, tremia. Havia uma mochila preta no chão, e tudo aquilo indica uma dúvida: largá-la ali, escondê-la ou fugir com ela. Fugir? Esconder? Largar? Isso parece um contrabando. A mochila foi largada naquele lugar escuro, cinza e molhado. Agora, aparece um caminho à frente; há luz. Cada vez mais, a cena fica clara, o céu aparece, há mais cores. O corpo também fica claro, a pele toma o lugar do couro fosco.

Nunca se soube o que havia dentro da mochila, mas o medo pela descoberta daquilo que poderia ser e acontecer, junto à sombriedade, umidade, couro, tornava a cena mais clara de ser percebida. Afinal, de onde vêm essas referências sobre claro e escuro?

Ao acordar, a sensação era a de como se um vazio tomasse conta de alguma parte do peito e, por isso, parecia faltar ar, parecia tristeza – será? – e, certamente, havia dúvida, muitas dúvidas. Seria isso ansiedade?

O objeto que esteve na mochila nunca será descoberto, mas deveria ser importante, proibido, ou seria vergonhoso? Em um contrabando, o que está em jogo é o transporte proibido de uma mercadoria; nem sempre se trata

de um objeto proibido, mas daquilo que não se pode fazer com ele. Quem sabe nem se trate de um contrabando, poderia ser apenas uma provocação do sonho para sentir ansiedade.

Falando nisso, faz tempo que ansiar por aquilo que está por vir deixou de ser um jeito criativo de desejar, de criar expectativas no futuro. Agora, ansiar virou tempo perdido, tempo que falta e que não tem espaço para faltar, falta ar.

De maneira muito rápida, associa-se à sombriedade à tristeza, ao medo, ao inseguro, mas foi na luz que a mochila já estava perdida. No escuro, ficou o segredo daquele objeto perdido.

Tomara que hoje outra longa noite com sonhos escuros e úmidos apareça.

Se eu usasse sapato

Luiza Brum Braga Loureiro

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.14

Crack! Esse foi o som que me tirou de um transe que durava já algum tempo. Meu celular foi com tudo no chão, e não sobrou um *pixel* sequer aceso na tela. De repente, eu me vi insegura. Mas que coisa engraçada, insegura por causa de um celular quebrado? O que eu tenho que fazer primeiro? Meu Deus, não consigo mais falar com ninguém... além dos 5 amigos que estão ao meu lado, chocados com o que aconteceu. É... não é bem ninguém, mas ninguém de longe. Mas com quem de longe que eu converso? Nem mesmo da minha mãe, eu atendo ligação. Que estranho não ter um celular. Estou fora do mundo, o que nem faz sentido, estou literalmente no mundo. Preciso dar um jeito logo nesse celular, senão vou perder todos meus dados, meus arquivos, minhas fotos... AQUELA FOTO!

Nosso aniversário de namoro, o dia mais feliz da minha vida. Nesse dia, eu tinha planejado levar a Isabella num encontro. Planejei tudo com muitos detalhes, o lugar que ela gostava, as flores que ela queria. Eram 3 meses de namoro, e ela queria algo especial, então quis que fosse surpresa. Eu era novo demais para saber. No dia, tudo deu errado: meu pai saiu com o carro, não tinha mais as flores de que ela gostava e o céu estava tão nublado que poderia muito bem ser a extensão dos muros da minha casa. Mesmo assim, eu chamei um Uber, peguei flores amarelas. Ela gostava tanto de amarelo. Quando cheguei à casa dela, quase não consegui esconder a frustração, mas entreguei as flores para ela. Para minha surpresa, ela disse:

— São as flores mais especiais do mundo!

E eu não entendia como poderia ser, sendo que ela sempre quis ganhar lírios roxos. Acho que, hoje, eu entendo. Mesmo assim, perguntei:

— Mas por quê?

— Porque são as que você me deu!

Depois disso, fomos para o restaurante, e o lugar estava terrivelmente cheio, perguntei se ela queria ir para outro lugar, e ela me levou numa sorveteria. Achei engraçado, mas nos empanturramos de sorvete e depois fomos andar na praça. Não demorou muito, e o céu desabou em água. Saímos correndo em busca de uma marquise e nos sentamos embaixo de um prédio abandonado. Não dava para ver muito mais que 5 metros à frente e, então, ficamos ali, conversando. Falamos de tudo um pouco, ela odiava usar sapato, e eu amava usar meia; o filme favorito dela é *O Lagosta*, do Yorgos, e o meu era a animação do Aranhaverso; a música de que ela mais gostava era Dança da Solidão, da Marisa Monte, e eu só conseguia pensar em Planos, do BK. Conversamos por tanto tempo que a chuva já estava fraca e o dia virava noite. A mãe dela quis saber onde ela estava, e ela mandou uma foto nossa. A qualidade ficou muito ruim, e a gente riu tanto disso que a foto já tinha ganhado um significado especial.

Quando fomos embora, eu a deixei em casa e ela me puxou para um beijo tão diferente. Tão casa, tão confortável. Chegava a ser estranho, parecia que ela me lia pelos olhos e sabia o que eu sentia pela pele. Quando eu cheguei a casa, ouvi essas músicas por horas até conseguir dormir. Foi o dia mais feliz da minha vida.

Que burrice. Eu era muito novo. Terminamos já faz um ano. Eu não sabia como manter aquilo, ela era profunda demais e eu... Eu tenho medo de me afogar. Como sempre, eu quebrei tudo. Assim como esse celular, que agora me impedia de ligar para minha mãe, que me obrigava a usar sapato.

Domingo na padaria

Joana Falk Zanello

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.15

Manhã de domingo, pacata; como de costume, vou à padaria do bairro. Eis que, parado, à espera pelo pão quentinho, sou interceptado por uma voz cumprimentando o padeiro. Não era qualquer voz, eu reconheço aquele timbre sossegado e macio. Viro-me para matar a curiosidade e sou tomado por um susto. Parecia que tinha visto um fantasma. A entidade? Era meu analista. Como assim ele existia fora das quatro paredes do consultório? Fui pego completamente desprevenido. Que embaraço. Para ambos. E agora? Cumprimenta ou não cumprimenta? Pode cumprimentar? Não me esqueço da cena... usava chinelo de dedo, *short tactel*, pernas à mostra – e que canelas brancas e finas! Comprava um maço de cigarro... O atrevido, uma vez, ainda me disse que o cigarro é a chupeta do adulto! Me senti pelado, quem sabia até minhas preferências na cama – talvez tão íntimo quanto – agora sabe que eu prefiro pão de sal ao de forma. Será que, de repente, estou me dando demasiada importância? A figura só queria comprar seu fumo, nem vai reparar se eu ficar bem quietinho fingindo que não vi...

É... não vai ter jeito, vou ter que falar das canelas finas na quinta-feira!

O menino de onde?

Nicole Argolo Costa

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.16

Quando pequena, me encontrava com a possibilidade de abrir um livro e descobrir algo novo, e nada mais do que lá estivesse escrito me importava. Fala, Fernando, conta o que ele te contou: da vida em outros planetas, do gosto que você sentia quando seu sócia estava comendo. Interessante tudo isso, mas apenas o *“Menino no Espelho”* grafado na capa me era cativante o suficiente.

O reflexo não me acompanha no meu mundo; me rouba para o dele. Invadida pela carcacinha de Fernando, me vejo capturada pelo revérbero de nossa imagem, fundida pela imersão proporcionada apenas pela curiosidade infantil. Me percebo no corpo de menino, numa noite clara, mesmo entunada por galhos e raízes que me desafiavam a escapar dessa singela trilha e explorar seus labirintos. Os pés, calejados pelas pedras trituradas do asfalto, encarnados pela memória de cada brincadeira de rua, passeiam amanteigadamente pelos ladrilhos, cujo cintilar dos cascalhos era distração o suficiente em relação ao tato da sola do pé já gasta. Sobre o topo da testa, pingavam suaves gotas de orvalho escorregadas das compridas e balançantes folhedos das árvores. Os galhos que os sustentam, como tentáculos de polvo, iam e voltavam em direção ao céu e de volta ao arco que emoldurava a paisagem. No balançar para trás, revelavam-se as arraiais gigantescas, águas-vivas e baleias colossais navegando pelo espaço, que aqui já era relativamente pertinho, como sempre fantasiei.

Tudo era sugestivo. Tudo é misterioso. Não ouço, mas nós ouvimos o som sussurrante do vento convidando para que seja investigado cada ângulo dos troncos, cada arbusto, cada espécie de animal cantante, cada lago

que reluz, como turmalinas, a possibilidade do que pode haver sob as vitórias-régias, o que pode haver ali que nunca foi visto antes.

Corria pelas páginas querendo saber, querendo que Fernando me mostrasse, me revelasse o que podia existir do outro lado do reflexo. Como assim você teve a chance de trazer para esse plano um menino vivo pelo espelho e não vai me mostrar o que tem na dimensão de onde ele veio? Lia violentamente em busca de saber. Pensando bem, acredito que era mais estimulada pela sensação de ter um mistério movendo esse corpinho imaginário, que não sossega atrás de meus olhos do que possivelmente poderia descobrir. Quando me fosse revelado o que há de inédito naquela brincadeira, no final daquela corrida de curiosidade que eu corporifiquei na figura do bosque, inocente de que era isso que estava acontecendo, provavelmente só olharia de um lado para o outro, inquieta. Fecharia o livro, e, completamente afeiçoada pelo que poderia apenas estar entre cada palavra que foi arquitetada nessa história, farejaria o próximo enigma enquanto escapa de mim o norte da busca: “Tá! E o que mais??”.

Quem conta um conto aumenta um ponto

Joana Falk Zanello

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.17

Renatinho e Leleco andavam apressados pela ponte. Descalços, com os pés sujos de barro, jogavam a bola um para o outro enquanto caminhavam ao encontro dos colegas que aguardavam no campinho. “Bora, Renatinho, se a gente chegar tarde, vai dar a hora em que a mãe do Manel manda ele voltar!”. Nem terminou seu esporro, Leleco arremessou a bola com a mesma delicadeza que gritava com seu amigo. Sem chance para súplica, Renatinho e Leleco só puderam acompanhar com a cabeça a elipse que a bola fez direto para fora da ponte, dentro do rio. Na mesma hora, os dois se entreolharam com pavor nos olhos: “O Pedrão vai matar a gente!”. Instintivamente, decidiram se debruçar no parapeito da ponte para estudar como se daria o resgate da bola, que, a poucos metros de distância, zombava deles parada entre as pedras da encosta.

Quando a galera do parquinho deu falta, foi atrás dos responsáveis pela pelada e encontrou os dois ali, velando a bola, enlutados, mas inconformados pela bronca que levariam do irmão mais velho. Resolveu, toda aquela dúzia e meia de menino, se debruçar no parapeito da ponte.

Quem passava de carro ou charrete diminuía a velocidade para entender o que fazia aquela garotada toda olhando para debaixo da ponte. Alguns, mais curiosos, resolviam parar para perguntar; outros, aventureiros, encostavam para prestar ajuda e dar pitaco no resgate da bola. Pouco tempo depois e já tinha em torno de vinte pessoas mobilizadas no plano de recuperação. Quem cruzava a ponte já não andava sem ao menos dar uma esticada no pescoço para se inteirar do assunto. E, a cada novo transeunte, mais o grupo de observadores do parapeito aumentava.

O alvoroço estava instaurado. Quem vinha se ajuntando já nem sabia mais do que se tratava, mas estava lá para presenciar o bafafá. Quem se apurava ouvia: “É boto! Tá cheio de boto”. Não demorou muito, a notícia circulava: “É alguém se afogando!”. E a multidão em torno daquele passadizo só aumentando. Há quem saiu de casa só para ver o tamanho do incêndio que disseram estar pegando na restinga. Dali a um tempo, chegaram as autoridades querendo saber “quem que havia se atirado de cima da ponte”. Mais um pouco, estavam os repórteres colhendo os relatos das testemunhas que garantiam que ali havia saqueadores de jangada. Outros juraram de pé junto que se tratava de uma figura não reconhecida, como uma se-reia. A cidade estava paralisada em torno do mistério do que acontecia embaixo da ponte.

Em meio à gritaria e barulhos de sirene, Leleco e Renatinho já se davam como vencidos e, querendo almoçar, se entreolharam novamente exclamando: “Vão bora, a bola tava murcha mesmo!”.

Um fim para um novo recomeço

Juan de Paula Silva

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.18

Como muitas coisas boas na vida, tudo apresenta um fim: um fim trágico, um fim chato ou apenas um fim natural com o passar do tempo. Para uma criança que amava, tal momento reservado na parte da tarde de um sábado em que se reunia com outras crianças de vários cantos, adultos que já conhecia ou mal reconhecia pela rotatividade de pessoas que ali passavam em busca de uma ajuda ou de apenas uma esperança para continuar. Desde os cânticos aos guias, que faziam parte daquele pequeno terreiro que construiu a fé e o caráter daquela pequena criança, onde foram dados vários ensinamentos para a vida, como o costume de dar bênção aos mais velhos.

Bons tempos que se foram e não voltaram mais, graças à coletividade entre pessoas que tornava tão bom o pequeno terreiro, mas que, com o tempo se desgastou, se tornando o elemento para o fim inevitável repleto de brigas e desavenças, levando à separação das pessoas; cada um indo para um canto diferente, seja para outros terreiros ou igrejas. Essa separação fez surgir um sentimento de falta na pequena criança, tanto do terreiro quanto das festividades, como a festa de São Cosme e São Damião. A fé daquela pequena criança, que nasceu e foi criada no terreiro, acabou se esvaindo com o passar do tempo, e, com tudo que era relacionado à fé do terreiro, como os cânticos e os guias que conhecia, tinha uma ligação afetiva. Para essa criança, não tinha a simples opção de frequentar uma igreja convencional com os costumes tradicionais, totalmente diferente daquele pequeno terreiro onde era feliz mesmo sem nem saber.

As marcas deixadas por esse tempo não sumiram, como a fé da criança, mas, com esse mesmo tempo que castigou a criança, foram descobertas

novas perspectivas ensinadas pela vida: aquele pequeno terreiro não precisaria ser o único local de expressão da fé; o que realmente importava era acreditar, seja em Deus, nos guias ou nos cânticos, e não o local em si ou a coletividade que, no terreiro, era formada, e sim no significado e no quão especial era aquilo para aquela criança que já havia crescido e perdido as esperanças. Aquilo que parecia um trágico fim para a criança acabou sendo uma oportunidade de amadurecer, de ter novas descobertas sobre o mundo e de conhecer mais sobre o lado não revelado das pessoas, além do recomeço para a fé e para a vida daquele que havia se tornado um adulto.

Mar nosso de cada dia

Nicole Argolo Costa

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.19

Cresci crente de que, um dia, saberia de tudo. Todas as verdades, tudo que era possível ou não acreditar, um dia, estaria ao alcance dos meus sentidos, pensava uma molequinha que mal concluía o Fundamental 1. Que pecado meu pai havia cometido ao me levar todos os dias à escolinha bíblica, logo depois de me buscar na escola estadual? Ora, se, à tarde, eu estava aprendendo os fatos sobre o mundo, por que as aulinhas do templo não seriam verdade também?

Março de 2015, 13 anos de idade, Belo Horizonte, Minas Gerais

Ao meu redor, colegas que, comigo, aprendiam matemática, história e filosofia experimentavam as primeiras doses de senso crítico sobre suas crenças, pelo menos às quais alguém pode ter acesso ali, no início da pré-adolescência. Mas aquele calhamaço, o mais vendido do mundo, era tudo que eu tinha até então, e eu precisava saber tudo sobre ele para investigar todas as formas como aquilo pode ser verdade ao mesmo tempo que a aula de ciências também era. Pobre menina. Procurou prova de Deus em tudo para, ao final, concluir apenas ceticismos objetivos evidentes ao olhar. Afinal, se não conseguia se convencer da própria relação com o transcendental, como levaria a de qualquer outra pessoa a sério?

Hoje, essas palavras, intransigentes como soam, só são possíveis de materialização fazendo do papel o confessionário no qual nunca havia posto razão. “Ai, que fé preguiçosa!”, me lembro de bravar mentalmente na aula de filosofia, reagindo ao *slide* “Teoria do Conhecimento de Espinosa”, alguns anos mais tarde, já no Ensino Médio. Morria de inveja, tudo que eu queria era ver Deus em alguma coisa.

Que alívio perceber, nesse intervalo de mais ou menos uma década, que, após passar pelo processo de desistir de pedir aos céus que jogasse um raio em minha cabeça para que eu pudesse crer, só então, viveria em paz sem qualquer roteiro pré-dado ou noção de certo e errado. Agora, sim, comecemos do zero.

Março de 2025, 23 anos de idade, Alcobaça, Bahia

Por que ninguém nunca me falou que eu só seria capaz de chamar o mar e as árvores de mãe depois de aceitar a experiência crua de não precisar me provar digna de vida eterna para o pai?

Acordo na Bahia, a metros do mar, no quarto com as cinco mulheres que mais deram sentido à minha vida nos últimos anos. Ao pisar fora, finjo costume diante do céu azul. Gratidão às ondas de luz que quebraram em complementos tão agradáveis aos meus olhos. Cada feixe da grama dança em verde sincronia com o pretensioso *pop rock* anos 70 que vibra na caixinha de som. Anos 70. Me pergunto o que faz o instante de tempo em que me esparramo na canga separada, diferente, posterior ao que qualquer outra consciência viveu ao cumprir o mesmo ritual umas 5 décadas no “passado”. A música é o que há de mais espiralar.

Muitas árvores ao meu redor. Consigo ver duas, mas já são muitas. Cada folha, feita dourada pelo sol, se relaciona com o calor como uma mulher se relaciona com um homem. Não em absoluto. Não que tenham se tornado, ao invés de nascido mulher, mas me identifico com elas dessa forma; assim como me identifico com minhas amigas, com minha mãe e com as mães de minhas amigas. Olho para elas, e elas me contam sobre o prazer que o calor lhes oferece, assim como o que me toca ali na grama. Me contam sobre esse personagem masculino que apenas acredita que existe em todo o seu poder, mas que apenas nos entretém enquanto nos divertimos aqui entre nós.

Miro nas nuvens, e elas estão brincando de quem sou eu, assumindo formas lúdicas e gozando da força que eles acham que carregam no corpo. Elas são imensas, se divertem, ocupam espaço e dão risada enquanto passeiam antes de se desfazer e voltar ao colo de sua mais imensa ainda mãe azul. Quero ir a ela. Vou dar um mergulho. Sou mineira, nunca aprendi a

nadar, mas não faço ideia de como poderia me afogar também. “É só boiar”, sempre pensei. Na defensiva, é claro. Até esse momento, eu não sabia nem como estar debaixo d’água sem segurar o nariz.

A imensa mãe azul sabe disso. É da minha relação com ela que estou falando, afinal. Ela me conhece, mesmo que eu não a conheça tanto assim. Só nos vimos em alguns feriados ao longo desses vinte e três anos. Mesmo assim, me convida. O mar está manso hoje, como se ela não tivesse permitido que ele me assustasse dessa vez. Eu estava sozinha. Só eu e eles. Então, aos poucos, vou me aventurando. É como uma cerimônia de iniciação. Estou criando confiança. À medida que vou conseguindo furar as ondas, ao entardecer, peças vão se permitindo me testar, afiar minha habilidade de “mergulhar peixinho”. Volto para casa eufórica com minha nova realização. “Aprendi a mergulhar sem segurar o nariz!”, comemoro o que ela me ensinou com minhas amigas. Conto da minha viagem, da minha apresentação a ela, não conhecia essa mãe até então. No dia seguinte, já estávamos mais agitadas, eu e ela. Já tínhamos um pouco mais de intimidade para brincar.

Nunca senti tanta bênção e aprendizado sobre mim, numa sensação de prazer que pareceu tão eterna. E pensar que jamais teria experimentado isso enquanto tentava, objetivamente, encontrar alguma razão divina em algum lugar para merecer ir para o céu com meu grupo de jovens.

Mergulho

Ana Luiza Perin Cogo

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.20

A mulher que queria ser peixe, ao ser tomada pela pergunta de um pe-dinte sobre o desejo de transitar por outra configuração além da humana, explicou que a temperatura dos ares terrestres já não a tocava mais. Estava tão treinada aos 28 °C da cidade em que morava que seu corpo já não se encontrava com o calor. Queria sentir o frio trêmulo dos mares e se envolver nas algas, o tecido do oceano que sua avó tanto temia; engraçado, por que não tinha tal medo de desaparecer entre as toneladas de fios que ela mesma tecia? Ao indagante, doou uma moeda de um real em agradecimento à ouvidoria, afinal era tudo que trazia na carteira e tinha um compromisso urgente, desses que fazem esquecer aquilo que está vibrando por dentro. E seguiu, rápida e humanamente, enquanto o peixe preso no aquário.

Medicalização da fé

Natália Schneider Bianchi

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.21

Conhecendo dona Selma, era possível saber onde estaria naquela manhã de domingo. Depois de algumas tentativas de acordar o marido, ela desiste e segue a pé para a igreja, deixando, em cima da mesa, o café e o bolo que assara no dia anterior. No caminho, seus pensamentos a levam à mãe, falecida no final do ano passado, aos bisnetos e netos. Os vinte minutos de caminhada passaram tão depressa; fora levada pelas memórias e preocupações e, ao chegar para a missa, ela não mais sentia o cansaço que costumava sentir ao fazer o trajeto. Ela se senta silenciosamente em meio às conversas dos fiéis, que, todos os domingos, marcam presença em seus mesmos lugares. Selma não percebe, mas, em sua meditação, ao olhar para a cruz, os minutos e o tempo por completo se congelam. Ela pensa que talvez tenha sido escolhida para algo maior, espiritualmente fora de sua compreensão. Mas nada está diferente, as pessoas ao seu redor estão cumprindo os mesmos papéis, a não ser pela imagem de Nossa Senhora, que se encontra próxima ao altar.

Ela a vê como sua própria mãe fora, pele morena e os cabelos tingidos de um vermelho vinho. Quase imediatamente após ver sua mãe na imagem, o tempo volta a marcar os segundos e os minutos, a missa começa, o coral canta e ela engole seus dois comprimidos que trouxera na mão.

Agora-mundo

Izabela Luiza Barossi Santos

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.22

Atravessava a rua quando se assustou com um carro vindo em sua direção. A buzina fez com que ela voltasse a enxergar o que estava à sua frente. Escapou por pouco, com uma corridinha até a outra calçada. Sua pele denunciava uma idade muito maior do que, de fato, tinha. É que anos trabalhando embaixo do sol lhe deram pouca dignidade, muita cor e menos respeito, conforme o astro imprimia em sua pele todo o calor que dele emanava. Caminhava pensando em cada passo, um após o outro, numa quase meditação que mais a colocava em risco do que lhe entregava conforto ao peito balançante. Não tinha tempo de pensar em quase nada, apesar de pensar o tempo todo. Pensamento por pensamento, um após o outro.

Vivia de modo raro. Como não possuía espelho, via de si apenas do peito para baixo, motivo pelo qual esquecia da cabeça: era apenas por onde entrava o que via, o que escutava, o que comia e de onde, de vez em quando, saíam palavras pontiagudas e certeiras, como flechas, que pretendiam dizer o suficiente. Na realidade, via, escutava, comia e falava com o corpo todo; a cabeça, ocupando o lugar do esquecimento, fazia com que ela vivesse sempre uma experiência corporificada, presente. Matéria por matéria, uma após a outra. Sua raridade residia em sua tão comum existência; morava nas ações que, de tão presentes, surgiam de apenas uma maneira: bem-feitas. Era, então, uma exímia fazedora, dessas que nunca duvidam se fecharam a porta de casa ao sair. Não duvidando de suas ações, duvidava de poucas coisas. Voluptuosidades que pouco importavam, não se demorava nelas nem em quase nada.

Sempre vestia uma saia florida, pois, apesar da grande simplicidade, gostava das flores estampadas no tecido de malha que, geralmente, passava poucos centímetros do joelho. Uma galocha, uma regata e uma galinha, que, de vez em quando, era carregada pelas ruas como acessório ou companhia, resumiam suas tímidas aparições neste mundo. Notava pouco as pessoas, interessava-se mais em chegar ao seu destino — o mercadinho, a tabacaria ou, no quarteirão acima, do outro lado da rua, a casa verde, lá onde morava um menino, uma das poucas pessoas com quem conversava. Sempre que ia ver o menino. A galinha ia junto, gostava de reunir as coisas que prezava em um só lugar, menino e galinha.

O menino, por sua vez, tinha seus 12 anos e uma maleta que carregava para todo canto. Rígido, caminhava marchando, não por uma adoração ao exército e a tudo que o exército representava, mas porque sempre fora duro. Quando nasceu, sua mãe contava, deslizou, de tão firme que era. Não titubeou ao nascer, não titubeava agora. Gostava da senhora de saia e da sua galinha, mesmo não sabendo que lugar elas ocupavam em sua vida. Era uma vizinha, mas uma vizinha que lhe ouvia com enorme zelo. Quando ela chegava não anunciava, mas esperava do outro lado do portão enferrujado, contando com a sorte de o menino estar em casa.

Quando ele estava, os dois se sentavam na calçada em frente à casa e conversavam. Quem passava mal notava os dois. Era um encontro pouco esplendoroso, pouco notável, mas nada ordinário. Não falavam de notícias nem de fofocas, tampouco de suas vidas particulares. Ela apenas sabia que ele tinha por volta de doze anos, deduzidos do uniforme escolar que vestia todos os dias. Quanto a ele, não fazia ideia de quem ela era; ainda assim, gostava de sua companhia, achando peculiar tudo o que nela se manifestava.

Ali na calçada, então, que se transformava em tantos outros cenários, faziam verdadeira filosofia. A mulher, exímia fazedora, e o menino, duro apenas corporalmente, mas maleável em todas as expressões, criavam conceitos e discutiam a existência das coisas que, sem dúvida alguma, já existiam. A presença plena, a escuta demorada e o gesto de compartilhar quase não lhes concediam o riso: porque rir é escapar do agora, é projetar-se para o que ainda não veio ou voltar no que já foi, ao que já passou. Ali, sustentavam o tempo de forma leve. Não falavam do futuro, pois pouco interessava, e o

passado servia apenas para referenciá-los ao que já havia sido conversado e às conclusões a que já haviam chegado, para, então, chegar a outras completamente diferentes.

O tempo era apenas pano de fundo, pedaço de mundo como qualquer outro. Falavam dos pés que já haviam passado por aquela calçada, quantos teriam sido — chutavam “uns 300” —, sem qualquer comoção com a possibilidade de estarem errados. Iam para outro tópico, e esse outro tópico se preenchia apenas com o gesto do menino riscando o chão com uma pedra e com o olhar atento da mulher, que via que ali já existia muito mundo.

A senhora ia embora quando o sol descia e os postes se acendiam — às vezes, um pouco antes; às vezes, um pouco depois. Caminhava para casa com seu modo próprio de pôr um pé após o outro, sentindo-se diferente. Não mais completa — porque, para ela, não havia a possibilidade do esvaziamento; só sabia viver na inteireza, no cru e no quente da vida —, mas, ainda assim, diferente. Não mais inteligente, nem mais feliz, nem mais isso ou aquilo. Apenas diferente, como se uma conversa com um menino recém-chegado ao mundo fosse suficiente para fazê-la viver uma vida inteira em um único dia. E era.

Ao chegar a casa, alimentava-se de outro modo: feijão, arroz, um ovo estalado e, de vez em quando, uma carniinha. Ainda assim, já chegava saciada pelas palavras que lhe tinham alcançado os ouvidos, transformando-se em outra coisa dentro dela e saído com outro conteúdo. Chegada, transfiguração e saída, eis o milagre da linguagem. Comia e deixava que todos os significados decantassem com o peso imenso da existência. Falavam de vida, enchiam-se de vida e iam dormir um sono denso, sentindo ainda o pulsar fremente daquele evidente encontro.

Não havia outro modo de existir, isso era para ela bastante óbvio; nunca reclamava, portanto. Sabia que tinha algo para dizer para o menino, mas queria que o menino falasse e chegasse à conclusão sem que ela apontasse. Se indicasse, já não seria a mesma coisa. Para ela, ele estava no caminho certo, pois já falava sem a arrogância dos que sabem, mas daqueles que, ao falarem, querem descobrir aonde vão chegar e, se chegam a um lugar com

que não concordam, mudam completamente a rota e vão por outra direção, sem qualquer compromisso com a coerência dos grandes.

Era essa a vida que prezava, esse agora-mundo que defendia no viver, ainda que apenas o menino e a galinha — com seus miolos que, instintivamente, só queriam ciscar — parecessem notar. Estava satisfeita. Via no menino algo como uma quase maternidade, não no sentido do cuidado, mas da propagação de uma postura, de algo impreciso, de qualquer coisa que lhe permitisse viver para além da sua própria vida. Guardava em si, ainda que de modo acanhado, essa única preocupação tola, sem razão natural de existir. Ao menino, confiava sua falta de genes para perpassar. Sem impor peso algum, apenas apostando nos próprios gestos, para que o seu desaparecer demorasse um pouco mais. Isso não lhe tirava o sono, não lhe perturbava de modo algum; era um capricho como as saias floridas. No final das contas, nunca saberia, não precisaria saber, tampouco faria questão, mas seu existir era suficiente.

Menina-bicho pássaro

Miriã Fernandes Oliveira

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.23

Eu acordei com a suposição de que a cor do milagre é amarela. Pude me encontrar com o Sol novamente e chorar junto a ele sem que eu me queimasse. O Sol, com suas mãos doces e macias, retirou, com delicadeza, o pássaro que se encontrara preso em uma das artérias de meu coração. Havia um pássaro lá dentro, obstruindo o fluxo sanguíneo que haveria de ser distribuído para o corpo. Eu quase morri ao encontrá-lo cativo dentro de mim, não queria permitir que o Sol abrisse meu coração e tampouco entendia que, em mim, habitava um bicho.

Achei que os pássaros no mundo já haviam morrido. A respeito do coração, segurei-o com tanta força que me esqueci da importância de sua fragilidade...Esqueci-me de confiar no Sol quando, num gesto sutil e elogioso, ele me enamorava pacientemente, esperando minha solicitação. Meu pranto. E eu não estava pronta para fazer as pazes com ele, talvez pela arrogância com a qual nos projetamos diante da dureza da vida. E, na tentativa de me proteger das mazelas do mundo, precisei retornar ao ventre do Sol e descansar em seu líquido amniótico.

Misturaram-se a ele minhas lágrimas, como um convite genuíno para que eu me rendesse ao cuidado de suas entranhas.

No ventre do Sol, havia um espelho. Estava escuro e, refletindo um paradoxo interessante do breu, só conseguia enxergá-lo. O objeto era mágico. E, nesse encontro amedrontado com o espelho, pude reparar o escândalo existencial de estar tão molhada por fora e tão seca por dentro. Eu desaprendi a arar minha terra... Das memórias, só me restavam o lamento e o silêncio, a dor de sangrar e assistir à própria pele em carne viva-morta

por desgarrar-se tão abruptamente da vida. Não havia oxigênio do lado de fora mais.

No entanto, o desespero do meu pranto alcançou o Sol, que já me fitava muito antes de eu querer percebê-lo. Olhei para o céu, umedecida pela permissão de um choro interrompido e, de súbito, descobri duas verdades: os pássaros no mundo não estavam mortos, aquele que fazia morada em meu peito também não; chorava através de mim, pois ansiava o próprio voo... mas, para que eu o libertasse, era preciso residir no interior do sol e dar-me conta do bendito espelho. E eu decidi que sim. Um sim rebelde e alvoroçado, nada comedido. Foi ali, dentro do meu quarto, que o Sol me engoliu por completo, e eu sumi por alguns dias. A mim, destinou-se uma viagem no tempo vociferada onde, entre a vida e a morte, o Orun me recebeu e desvelou o segredo de que há um pedaço de céu na barriga do Sol. Contudo, deparei-me com o total avesso desse infinito, de modo a ser o ventre um lugar escuro, anoitecido e anuviado com o qual eu tinha de me haver. E eu quis.

Nesse fundo abismo futucado por mim mesma, anunciei meu acontecimento-sonho. Minha vida de volta. O espelho devolveu-me um filme de terror para que eu pudesse tornar a respirar e estar em paz com os novos ares, as novas cores, as novas gentes. Na cena em que se consagra o tal filme, pus-me a um ato sereno de coragem e me movimenteí, com alguma dificuldade, no ventre do Sol, um movimento desesperado de afagar a criança que se afogava do outro lado. Também com isso, alegar, sem reserva alguma, a criança ser eu mesma. E eu queria me ter de volta. Avancei em direção ao espelho, ele percebeu a minha genuinidade diante dele, o meu pranto de me querer...e, assim, ele se aproximou de mim sem que eu me esforçasse tanto para alcançá-lo. Ufa.

Apanhei a pequena e a envolvi em meus braços, ela estava gelada. A barriga do Sol nos esquentou como uma xícara de chá com leite em dias frios e o choro cessou. Eu entendi o que o Sol queria me comunicar. Aos poucos, a calma se fez presente e a minha criança me olhou de volta com os olhos marejados de lágrimas doces, na compleição de um sorriso aprazado pelo colo. Mas, de repente, um *flash* tempestuoso de luz clareou a barriga do Sol e a menina em meus braços transformou-se em pássaro.

Não entendi. Fez-se bicho e desapareceu de mim. Como poderia isso ser possível? Menina-bicho-pássaro...cadê?

No instante do fato que me ocorreu, contudo, comecei a sentir um incômodo em meu peito. Algo mexia do lado esquerdo. Tinha a ver com o coração, disso eu sabia. E, num susto descompensado, eu finalmente acreditei no mistério das crianças que se transformavam em pássaros e que não queriam morrer...eu acreditei na incrível possibilidade de sentir a menina-pássaro dentro de mim, revirando meu coração feito um bebê no ventre da mãe...querendo sair...querendo mais espaço para existir. Coloquei a mão no peito, e uma lágrima doce escorreu de meus olhos. Estava pronta para que o Sol me parisse de volta ao mundo.

Desci, então, mas, dessa vez, molhada por dentro e por fora. Percebi também a fertilidade da minha terra...e o pássaro dentro de mim. O bendito. Compreendendo o Sol, deixei-o me tocar sem medo e resistência, deixei-o cuidar de mim mais uma vez. Seus dedos eram finos e delicados. Havia uma prova de amor naqueles gestos elegantes, talvez cirúrgicos. O *flash* de luz regressou, e eu pude sentir algo saindo de dentro de mim, algo cantante. Era o pássaro anunciando sua liberdade, a menina-bicho-pássaro...e, desta feita, só me fiz chorar de alegria. O Sol me abençoou com um delicioso beijo na testa, libertou a ave e retornou ao seu altar no céu. É. O pássaro voou...e floresceu o sonho — de novo.

Cidade de Ninguém

Iago Vitor da Silva de Lyra

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.24

Na cidade de Ninguém, a noite não cai; ela simplesmente existe, eterna e pesada sobre o asfalto que nunca viu o sol. O chão é um espelho fosco e gelado, iluminado apenas pela coreografia elétrica dos postes de luz, que zumbem baixinho como insetos presos em vidro. Por ali, vagava algo que não deveria estar solto: a sombra de um gato.

Ela não era o reflexo de nada. Não havia patas de carne, nem bigodes trêmulos, nem o calor de um corpo vivo projetando aquela forma no chão. Era apenas ela, uma silhueta de contornos nítidos e negros, recortada contra o cinza da rua. Solitária, ela deslizava em silêncio absoluto, misturando-se brevemente às sombras estáticas de poltronas rasgadas e relógios parados que a cidade, em seu abandono, colecionava nas esquinas. A sombra do gato era uma mancha de tinta viva em um quadro estático, dançando sozinha sob a lua pálida.

Foi numa rua que se curvava que ela o encontrou.

Ninguém caminhava na direção oposta. O sobretudo preto dele parecia feito do mesmo tecido da madrugada, absorvendo a pouca luz ao redor. Quando a sombra felina roçou a barra de sua calça, ele parou. Ninguém inclinou o rosto para baixo. Onde deveria haver traços, olhos ou boca, havia apenas uma lisura branca e serena, uma página em branco esperando para ser escrita.

Não houve palavras. O silêncio da cidade era sagrado demais para ser quebrado por vozes humanas. Mas a sombra sentiu o sorriso dele. Foi uma ondulação no ar, uma gentileza muda emanando daquele rosto sem face.

Ninguém, com a calma de quem possui todo o tempo do mundo, fez uma pequena mesura. Um instante depois, ele girou os calcanhares e simplesmente afundou. Não dobrou a esquina nem abriu uma porta; ele pisou na sombra projetada por um muro e desapareceu nela, como uma pedra caindo num lago escuro, seguindo seu atalho secreto para casa.

“Ninguém é peculiar”, a sombra do gato pensou, ou talvez apenas sentiu, enquanto suas bordas tremiam levemente no frio. E continuou a andar.

A solidão voltou a pesar, até que o ar foi cortado por um som. Um assovio. Era uma melodia engraçada, desconexa, que saltitava entre os prédios vazios. A sombra seguiu o rastro da música até uma árvore antiga, um carvalho retorcido que rompia o concreto da calçada. Pregada no tronco, uma casinha de passarinho balançava levemente, embora não houvesse vento.

A sombra parou na base da árvore. O assobio vinha lá de dentro, vibrante e acolhedor. Ela miou, um som sem som, uma vibração visual que fez a penumbra ao redor oscilar.

O assobio cessou. Da pequena porta redonda da casinha, nada sólido saiu. O que desceu foi um arrepio, uma brisa concentrada e visível apenas pela forma como agitou a poeira suspensa no ar. A voz que falou com a sombra não tinha garganta; era o som do vento passando por frestas de janelas antigas.

— Você está longe do chão que te prende — sussurrou a brisa-pássaro, pousando ao lado da sombra e fazendo as folhas secas dançarem ao redor da silhueta do gato.

— E você não tem asas para cansar — respondeu a sombra.

Ali ficaram. Dois impossíveis conversando na beira da calçada. A sombra contou sobre o frio do asfalto sem precisar dizer uma palavra, e o pássaro-brisa narrou a liberdade aterrorizante de ser feito de ar. Foi um encontro breve, uma trégua na vastidão vazia daquela cidade. Mas o vento tem pressa, e a brisa logo se agitou, girando em um redemoinho melancólico. Com um sopro final que fez a sombra se contrair num arrepio gelado, o amigo invisível se desfez, partindo para assombrar outros galhos.

A rua ficou vasta novamente. O frio parecia morder agora, e a sombra do gato sentiu o peso de não ter onde se aninhar. Estava na hora.

Ela miou para a noite. Um chamado profundo.

E a noite respondeu. Do outro lado da rua, o ar escuro se adensou e Ninguém emergiu, materializando-se do nada como se sempre estivesse ali. Ele parecia exausto, os ombros curvados. Ao ver a sombra do gato tremendo sob a árvore, ele parou. Ninguém entendeu. O cansaço era uma linguagem universal.

Lentamente, ele levou a mão enluvada até a aba do chapéu e o retirou. O interior do chapéu não era tecido; era um abismo, um poço sem fundo de escuridão aveludada. Ele estendeu o convite, baixando o chapéu até o chão.

A sombra não hesitou. Ela fluiu pelo asfalto, líquida e rápida, e saltou.

Num piscar de olhos, ela foi tragada pelo chapéu, encontrando finalmente um abrigo quente na escuridão portátil de Ninguém. Ele recolocou o chapéu na cabeça, ajeitou a aba com um suspiro satisfeito e olhou para baixo, para os próprios pés.

Lá estava a sua própria sombra, esticada e fiel no chão da rua curva.

Ninguém, estranho como a própria cidade, dobrou os joelhos e saltou. Ele não pulou para frente nem para cima. Ele pulou para dentro. O corpo de sobretudo preto mergulhou na própria sombra no asfalto e sumiu, deixando a rua vazia, silenciosa, mas, pela primeira vez naquela noite, não tão solitária.

Rio Acará, Rio Carú

Anna Cariny Dias de Amorim

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.25

Carú carregava o Acará no olhar. Por vezes, era por lá que assistíamos à vazão desse rio, quando o peito se enchia de saudade e ela deitava-se na rede para contar suas aventuras ao nadá-lo: a rede é um barco que nos levava para lá. Era uma boa viagem, e nela descobrimos que o rio é tudo: rua, banho, alimento e cuidado do corpo e do espírito. Ele é como uma vó que, com amor antigo, oferece o que sabe e o que tem antes mesmo de percebermos que já precisávamos.

Enquanto estávamos sendo levados pela torrente de memórias de Carú, também passávamos pelos momentos turvos de promessas de uma vida melhor em contraste com a vida que se tinha na relação com o rio e tudo o que mais o cercava. Carú saiu da beira do Acará para a beira de Belém do Pará, carregando no peito um segredo de rio. Vivendo na periferia da capital, arrumou um quintal para plantar e sustentou seus 14 filhos com o dinheiro que vinha da venda do açai. Carú correu para longe do rio, mas o rio fluíu junto, dentro dela. De noite, Acará entrava na profundidade dos seus sonhos e lhe cuidava, contando novas e antigas histórias ao seu lado.

Em uma dessas noites, Carú se afogou em suas águas escuras, acolhedoras, lentas e bravias. Ela nadava para cima e para baixo, de um lado e para o outro em busca da margem. Mas, nesse rio sem margem, Carú habitou na sua imanência e encontrou dentro dele um outro fôlego; um que não vinha do peito, mas de algum lugar mais antigo que a própria vida. Seu corpo diluiu-se em fluxo e foi crescendo devagar. Carú, agora, virou o próprio Acará. Serpenteando por aqui e por lá. Dentro de mim e do Pará, dando passagem às memórias e ressoando seu corpo de água no chiado das falas. Não é

chiado de paraense, não. É memória dos rios imensos, fortes e sem margem que insistem em viver. Rio não morre, não dorme, não cansa e não esquece. Só corre.

Tô cansado, de você também

José Eronides Ferreira Moura Neto
DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.26

Para Jards Macalé

— A gente podia viajar e fazer um álbum de fotografias...

Foi o seu último grito — diria promessa — antes da longa espera já anunciada naquele São João. No momento em que você sumiu, por decidir sumir mesmo, e não por trabalho, dor, náusea, chiste ou força maior. Como, em geral, as pessoas somem e dizem o porquê de sumirem. Desaparecem por um momento, mas, ainda assim, voltam, mesmo que não fiquem, mesmo que seja só mais uma passagem. Elas deixam um certo rastro, alguma explicação, culpa, raiva, qualquer coisa que as pessoas sentem quando, de fato, se importam.

Pessoas... passam, param, vão, ficam, voltam. Elas todas circulam, de um jeito ou de outro. Todas elas: as pessoas. E não sei, mas conosco foi estranho, confuso. Eu fiquei. Eu sempre fico, e você só corre, que nem ventania. Furacão! Como coisa que passa destruindo todas as coisas e não coisas, devassando tudo. Uma doce e gentil amiga, certa vez, falou quando percebeu a sua presença em mim: violenta tempestade. E, sem pudor algum, recordei os furacões que aparecem na televisão arrasando a costa leste dos Estados Unidos: Erin, Humberto, Katrina, Wilma, Você.

Furioso, alguns diriam; cabreiro, o que apostava... mas logo vi tu, sempre apressado, apressado, apressado feito o vento que, em dias quentes ou frios, bate na minha janela. Um dia desses, reparei que esse seu tormento comporta uma lentidão absurda. E foi simples. Só precisei comparar com a rapidez que a luz carrega. É uma velocidade impressionante, e me dei con-

ta disso quando a luminosidade — a luz em si da luz — fraquejou. Reparei que ela só existe, é luz, por dividir espaço e tempo com incessantes breus, escuros imperceptíveis para qualquer gente. Mas, daí, aconteceu de a luz vacilar em sua pressa, como você também vacilou. E me dei conta, então, de todo o escuro e também de toda a luz; sem susto: despertei todas as coisas bonitas e feias que eu e você, e a luz e a escuridão acomodamos.

Passei a suspeitar se é possível guardar alguma coisa bonita do vivido — e inclusive do imaginado — que nem sempre a coisa que se guarda, e que é por ela guardada, ilumina. Por vezes, as sombras vibram e vivem mais, muito mais. No dia perto do São João, ou até depois dele, ou antes mesmo — não sei bem, foi nos dias dos santos juninos —, a penumbra tomou conta de tudo e foi crescendo, crescendo, me absorvendo. Acredito que fiquei com uma agonia nesses dias de louvores e colheita. Não agradecia e sequer apanhava algum fruto ou qualquer outra coisa germinada ou morta, que são coisas possíveis quando algo é plantado. O mais brutal do desaparecimento: nada semeia, tudo mata. Como as coisas foram mortas?

Ouvia Gracinha: *Tudo Dói*, e ali me embaraçava todo, chorava e ouvia muitas outras canções lamurientas. Chorava calado, o que não deixava de ser um grito. Um silencioso gesto de socorro, inaudito por natureza. Daí nosso silêncio, daí o gosto amargo na boca. Não havia forças para limpar a casa — era preciso uma faxina no quarto e no coração. Ainda assim, sem força alguma e sem qualquer vento na minha janela, esperava por você. Aguardava alguma coisa sua chegar: um frescor, uma brisa, uma coisa leve ou pesada ou até mesmo mofada, meio morta. Alguma coisa, sabe? Esperei, como sempre espero e como deveria ser. Então, nesse instante, também aconteceu alguma coisa. Não sei se essa coisa saiu da poeira do quarto ou da bagunça organizada das roupas, fios, balas, sujeira e papéis amassados dispostos ao lado da cama. Sei que nada entrou, e, ainda assim, algo aconteceu; tocou no celular quase rouco e queimado: *Quem vive a esperar — não espera ninguém — resolvi me amar: decidi ser alguém.*

Foi assustador! Assustador!

Sigo assombrado, viro as esquinas com um medo, tremendo, crescendo, crescendo, me absorvendo. Talvez em alguns dos bares em que passeio,

entre goles de cerveja e papos aterrorizantes, você tenha se diluído. Ou, minimamente, venha sendo digerido, com isso também gestado, e, assim, caia do meu corpo e possa ser outra coisa a cada bicada ou rissaca. De bar em bar, de mesa em mesa, a coisa vai passando, e, assim, se atravessa todas as coisas bonitas e feias que foram vividas e imaginadas. Ao menos essa é a fé que decidiu ficar comigo ou, como essa gente bem resolvida da sala de jantar, diz: é com a dor que se alegra a vida.

Mas nem sei se você doeu tanto ou dói; sinto que se trata de uma marca feia que rasurou meu caminho e criou uma coisa mais feia ainda: uma voz morta entre nós. Essa tal gente bem resolvida chama essa feiura de silêncio, o moço que me atendeu resolveu dizer que é angústia. Relutei voltar para ele, porém meus amigos e irmãos não me deixaram abandonar o rapaz enunciativo de angústias-apegos-afasias. Não sei qual dessas palavras é mais a coisa que a gente se tornou, entretanto a expressão coisa feia-feiura, com toda a sua sonoridade e morte anunciada, ainda é aquela que conquista e estremece os meus ouvidos.

Ontem, ou na semana passada, depois de um abraço seu — mais um daqueles nossos falsos abraços, pois somos, felizmente, seres educados e calados, além de angelicalmente tortos —, outra coisa aconteceu. Nenhum zumbido ou gaguejo, sequer havia silêncios ou barulhos. Apenas dois corpos, por alguns segundos colados, e, por tão próximos, estávamos repletos de luzes, o que implica certa pressa e vacilo. Como se ali nascesse um gesto mortal, uma semiescuridão. Como se essa coisa tão fugidia e serena — um abraço — fosse capaz de explodir emoções, motivos, pulsações, desejos. Uma explosão incessante e rápida de brilhos e breus.

O abraço como aceno luminoso de um adeus, que por tão rápido, também agudo e capaz de trazer uma esperança bruxuleante, perdida, despedaçada. Com o resto da marca do abraço no corpo, uma espécie de luz minguante, a coisa aconteceu: foi o que não desapareceu e decidiu permanecer comigo. Me quebrei e também refiz todas as coisas estilhaçadas. Revi e passei mil angústias em três ou quatro segundos abraçados. Lamentei os esperanças beijados. E senti outras dezenas, centenas de coisas que não se dizem com palavras. Elas não seriam capazes de endereçar o que foi aquele instante em que alguma coisa aconteceu. Como aconteceu no

São João em que você sumiu e na música ouvida certo dia no quarto de um quase moribundo, recém-nascido do poço.

Aconteceu e acontece, como agora, nesse momento em que as palavras são um jeito dolorosamente elegante de seguir. Um modo de estar vivo e cheio dessas coisas que acabando conosco nos principia, virando qualquer coisa nova, outra, nascida. Feito palavra que rasga e se adensa no papel: iniciando-se na medida do impossível.

Amor em fim

Yago Serafim Schwider

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.27

Céu fechado, corpo selado. Cerceia-se o que sou, somos. Me enclausurarei no contexto, na condição de vida, na qualidade de vida. Me prometo coisas boas, as melhores, como me prometeram outrora. Mas o que tenho, senão um corpo selado, um céu fechado?

Da janela, vejo o céu fechado amar o mar aberto, a chuva, uns mil beijos suaves que sobem aos céus, que sopram do mar. E eu, redemoinho em inveja, em tudo que tenho: nada.

Tenho olhos marejados, gradeados. Quis me armar de uma vida cheia, outra; me liberei de mim. E talvez céu e mar sejam bons demais em amar, amem tanto em suas respectivas infinidades que não sobre nada ao quer que seja.

Trovejem e inundem, não me importo. Se tenho algo, se sou algo, então serei/terei rocha. Pedra úmida áspera sob meus joelhos, sob minhas mãos. Estou cansado de sentir inveja, fome ou frio. A falta já não me convém, não apetece, não dispara. Na rocha, me vejo irmão, intrépido, impassível, impossível. Caíam maremotos e relâmpagos; a mim, já não mais importa.

Não me prometo mais coisas boas. Prometo permanecer, a despeito de todos que achavam que iam perdurar, em amores ou canções. Não conto com ninguém, isso me faz rocha. Não conto a ninguém, isso me faz rocha. Não conte comigo, pois sou rocha, preciso ser.

Lá fora ruge, o pequeno mundo treme. Está frio, tenho fome e inveja, mas não quero ter, não quero ter, não quero ter. Por que eu não posso ter

as coisas boas que me prometeram? Só me resta rocha; basta ser, por que não sou?

Queria ter amado mais, mas queria ter sido amado. E eu sempre soube que amor seria meu fim, pois nunca foi meu começo. Me resta rocha, quando o mundo ruir em amor: o céu encontra o mar, o horizonte se desfaz, os polos se invertem, a gravidade recua.

Queria ser rocha. Queria ser lembrado em amores ou canções.

Lá fora ruge.

Problemas sociais

Morena Oliveira Sartório

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.28

Praça cheia, gente falando alto ali ou aqui. Todo mundo tem alguém para conversar e rir, todo mundo tem um livro para ler ou uma mensagem para responder. O solitário estrangeiro tenta disfarçar seu crime assim, se misturando no modo de ser dos moradores locais. Mas ele sabe que todos à sua volta o reconhecem por seus crimes. Crimes reais, ainda que sem julgamento. Isolado, mas no foco. Todos, e isso o inclui (dessa vez), estão tensos. Qualquer movimento brusco pode colocar em jogo a fina camada de paz aparente que impede a raiva de aflorar. E o sangue quente de escorrer pelo chão. Com cuidado, um morador mexe seus paus e faz um chamado de denúncia. Ele sabe que ninguém se sente seguro. Pois ninguém está. O policial chega com seu companheiro. Vai falar com o sujeito. Ele responde umas coisas, foge de outras, finge que não ouve mais umas. O clima no espaço fica ainda mais tenso, o silêncio pesa. As vozes ficam baixas, as pessoas trocam olhares ansiosos.

O policial começa a se estressar, sabe que o criminoso está mentindo e ocultando suas verdades. Mas, mesmo todos ali sabendo do perigo, não existem evidências no momento. Não se pode justificar o que não existe base visível, ainda que a experiência seja sentida intensamente em cada corpo ali. O policial aceita sua derrota e vai embora, mas não para longe: o risco ainda está por perto, e ele não sabe que não pode defender a todos. O criminoso fica mais atento, percebeu a tensão no ar, mesmo que as conversas tenham tentado voltar a altura original. Com cuidado, se levanta de seu posto, recolhe seus pertences e se retira. Olhares ansiosos acompanham cada movimento, aliviados pela oportunidade de voltar a respirar com um

pouco mais de calma, porém reflexivos, pensando em seus dois problemas: quando será o próximo momento de insegurança e quais crimes foram de fato cometidos e quais foram inventados por suas próprias fantasias.

Ponto de fuga

Igor Bomjestab Vittoraci

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.29

Fugir é impossível, somos capturados constantemente; por isso mesmo, penso o escape enquanto exercício, como aquilo que nos dá fôlego. É um escapar e ser capturado para escapar novamente. Nesta escrita que teço, sou capturado pela técnica e pelo academicismo. Escapar não é apenas preciso, é necessário, é criar possíveis. O desafio do conto e mais ainda da oralidade gera desconforto, e que bom que o faça, afinal é do desvio que necessito. Portanto, abraço o convite, a convocação de se pensar maneiras outras de se produzir conhecimento, pela via engendradora. ONDE VOCÊ ESTÁ?

O ponto de fuga, nessa ótica, assim como no fazer artístico, é o local em que todas as linhas se encontram: o presente. É no presente que se faz, na imanência que a vida se cria, no calor. Entretanto, é deixado no canto, afinal as demandas do capital são tamanhas que não há tempo para o presente. É quase que um paradoxo. Estar em corpo, que seja sensível e vibrátil, é um escape por vezes esquecido. ONDE VOCÊ ESTÁ?

Gostaria de andar mais vezes e sentir o chão que piso, estar no caminho que faço até minha casa, não ser apenas um observador ausente. Que possamos ser olho, ser nariz, ser boca, ser corpo. Caminhar e criar pontos de fuga. Ah, cuidado para não cair na armadilha de achar que vai encontrá-los. Não se trata de algo dado, mas, sim, construído. ONDE VOCÊ ESTÁ?

Sei que uma nova captura me aguarda, mas continuarei no exercício do escape, no ponto de fuga, nas linhas que convergem para o presente. Foi isso que a floresta me disse antes de entrar nela.

Entre o Quarto e a Floresta

Julia Kloss

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.30

I.

No quarto apertado, ele não conseguia mais respirar. Havia algo no ar que não era poeira, nem mofo, nem fumaça — era um peso invisível, como se a parede do mundo estivesse se encostando aos poucos na sua pele. Estava deitado, mas o teto se aproximava. Era meio-dia, e a luz da janela entrava como quem pede desculpas.

II.

A terapia havia terminado fazia meia hora. A chamada pelo *Google Meet* ainda piscava no canto da tela. Ele tinha falado sobre ansiedade, sobre não dormir, sobre o medo constante de estar “desalinhado”. A psicóloga perguntou: “Você sente que está desconectado de algo?”.

Desconectado de quê? De alguém? De si mesmo? Da Terra?

III.

Foi, então, que se lembrou do avô.

Nunca soube o nome dele inteiro. Só sabia que falava com as árvores como quem lê jornal. Dizia que elas respondiam, mas não com palavras: “Elas contam com o tempo. Vocês é que correm e não ouvem nada”.

Ele ria, mas ria torto. Agora não ria mais.

IV.

Na estante, um livro que ainda não havia terminado: *Ideias para adiar o fim do mundo*. Ele o abriu por acaso na página em que Ailton Krenak dizia que nós nos separamos da natureza como se ela fosse uma coisa fora da gente. E que isso talvez fosse o verdadeiro fim do mundo — o esquecimento de que somos Terra também.

Sentiu vergonha de estar trancado. Abriu a janela com pressa, como se precisasse confessar algo para o céu.

V.

Ele saiu. Andou. Passou a rua, deixou o celular em casa. O mundo pulsava como uma respiração antiga. Cada árvore, um parente distante. Cada sombra, um útero.

Havia uma floresta. Não real — uma floresta de dentro. Fechou os olhos. A ansiedade não sumiu, mas ficou menor.

Talvez fosse isso que chamavam de escuta.

VI.

Ao voltar, escreveu no caderno da faculdade:

“A psicologia deveria escutar a Terra. O adoecimento talvez seja também uma saudade ancestral. Não apenas da mãe. Mas da mãe-Terra.”

A dança do pássaro

Alessandra Vitória Mendonça Luiz

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.31

No topo de uma pequena árvore, repousava um pássaro, fugindo do chão árido que o cercava e procurando o verde que ainda restava. Não havia sobrado muita coisa. Em volta de sua pequena árvore, o pássaro podia observar as flores murchas, as árvores com poucos frutos e o rio que ali passava se extinguindo. Era uma época de seca. Sua pequena árvore já havia sido atingida: seus galhos, já sem folhas, estavam tão finos que, ao menor vento que passava, se quebravam. O tronco, quase totalmente oco, já não era mais alimentado pelas raízes, que estavam fragilizadas demais para nutrir a árvore. Era preciso chuva.

O pássaro começou a ficar desesperado, pois seu lugar estava se desfazendo, desmoronando. Em um momento de angústia, ele olhou para cima e, ao ver o céu azul com lindas nuvens, lembrou que existia um ser capaz de fazer chover. Para se comunicar com esse ser, era preciso dançar, mas não era qualquer dança. Era necessário fazer uma dança que expressasse a alma; mesmo que a alma fosse angustiada, ela tinha que ser manifestada, senão o ser não se mostraria. Então, o pássaro começou a abrir as asas, revelando penas coloridas encobertas pelas penas marrons que ficavam por cima. E lá estava ele, dançando a dança da alma, debaixo do céu azul, na esperança de que o ser atendesse à prece de sua alma e fizesse chover.

Conto sem nome

Nathália Kizem Cuel Carriço

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.32

Certo dia, uma mulher abriu os olhos e enxergou, pela primeira vez, as coisas do mundo, como se fosse um bebê. Como se tivesse acabado de sair da quentura do líquido amniótico de um útero que jamais existiu.

Sarina, com seus trinta e poucos anos e pouca ou nenhuma memória, tinha apagado. Daqueles apagões que você se esquece até do nome. Acorudou cinco dias depois, com um bando de gente desconhecida gritando, sorrindo e falando que tinha acontecido um tal de milagre do santo. Sarina já não sabia se aquilo era milagre ou castigo.

Uma mulher velha, que parecia contar mais anos que o seu dobro, veio com um copo d'água e uma canja de galinha na mão, dizendo que ela precisava se alimentar em nome de Jesus. E assim o fez. Encheu a barriga com a canja quente e agradeceu em silêncio por existirem boca e dentes para comer.

Pelos burburinhos, Sarina ficou sabendo que a velha da canja era sua avó, que rezava sem parar, pedindo para o santo livrar a neta desse mal do esquecimento. Sarina, de início, não deu muita corda para isso de não se lembrar. Era, no mínimo, curioso ver todas aquelas — coisas, bichos, casas, plantas e pessoas — pela primeira vez. Ela se divertiu com os minúsculos santinhos de madeira da casa da avó, pensando em como mãos de gente seriam capazes de produzir tamanha doçura. Era mais capaz que fossem os ratos.

A avó chorava enquanto Sarina se deliciava atrás do mistério dos santinhos, pensando no que faria para ter a neta de volta. O tal do santo para

o qual a avó rezava era o santo das causas perdidas. Seria Sarina uma causa perdida?

Depois de olhar cada canto da casa e pegar nas mãos um punhado de roupas, objetos e colarzinhos de contas, a velha trouxe para dentro de casa um menino, miúdo, que, desconfiado, grudou as mãos no braço da avó e os pés no chão, como se fosse a raiz da árvore mais antiga daquela terra. Talvez mais antiga daquele tempo. Foi nessa hora que a mulher disse:

— Olha, Sarina, é Miguel, teu filho.

Dali em diante, Sarina tomou uma dor imensa por tudo aquilo que se esqueceu. A mando da vó, ficou três dias e três noites rezando para o santo e pedindo por um segundo milagre. Ela não queria só ter acordado, queria se lembrar. A cada dia que passava, Sarina gostava mais daquela gente barulhenta, gostava mais da avó rezadeira, gostava mais do menino miúdo.

Na última noite do terceiro dia, deitou-se na cama com o menino ao lado, agarrado em seu ventre. Fez ali a sexta reza e ficou pensando para onde tinham ido suas lembranças. Pensou em mil e um cenários. Para que canto do mundo foram suas histórias? Foi feitiço? Talvez elas estivessem em outra cabeça, de gente ou de bicho. Talvez retornassem para o lugar de onde vieram ou se perdessem para sempre.

Sarina, naquela noite, não se lembrava de nada. Talvez fosse esse o segundo milagre. Se esquecer pode dar passagem para se inventar.

Conto concreto de um ritual sem teto

Miguel Levi de Oliveira Lucas

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.33

[illegible]

Sobre a montanha

Mateus Dias Pedrini

DOI: 10.52695/978-65-5456-162-4.34

Muitos geólogos foram convocados à época, mas nenhum soube explicar o que gerou o sumiço da montanha. Da noite para o dia, aquele monte de pedra havia sumido do mapa sem pedir licença, sem dizer para onde ia. Não era lá um Everest a ser escalado (nem tinha vocação para isso), mas era algo que compunha a paisagem, fazia o horizonte ter alguma beleza em meio às cidades que invadiam o verde daquele lugar.

Um curandeiro foi chamado, era a última opção para homens e mulheres da ciência desesperados por respostas. E o velho sábio disse que ela estava adormecida, debaixo da terra, esperando a hora de voltar quando achasse oportuno. Aquilo foi considerado um absurdo por aqueles homens e mulheres: como pode uma montanha se dar ao direito de querer dormir, estragando a paisagem ao longe? Algo ainda precisava ser feito.

Um enorme despertador foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências da cidade mais próxima para acordar a montanha... nada. Chamaram todos os curandeiros da região, que se recusaram veementemente a participar daquele movimento patético: o jeito havia sido apelar para os representantes de Deus na Terra, com seus livros de capa preta a serem batidos a cada novo pedido ao todo poderoso, a cada nova benção que sentiam chegar na região. Mesmo assim, nada da montanha dar as caras.

Até que, sem mais nem menos, ela voltou, depois de muita bateção de cabeça que tentava explicar o que diabos havia acontecido. O mesmo grupo de geólogos que investigava o sumiço agora desenvolvia uma série de pesquisas para investigar o motivo do retorno da montanha: mais dúvidas

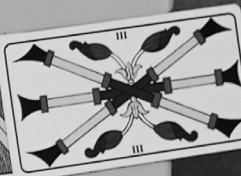
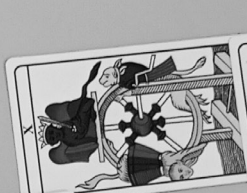
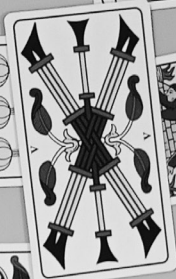
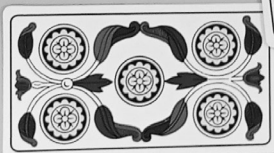
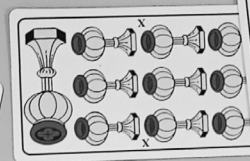
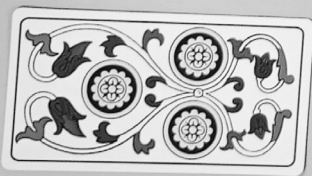
do que respostas para aqueles projetos de pesquisa em germinação. Com o tempo, as pessoas foram esquecendo do estranho evento, vivendo suas vidas, levando-as enquanto a montanha voltava a mostrar sua imponência do horizonte, sendo apontada toda vez que alguém perguntava, seguido de uma resposta, no mínimo, instigante: *“Aquela? Ah... aquela é a montanha que sumiu e voltou”*.

IMAGENS DE OFICINAS EM MOVIMENTO













Posfácio

Luciano Bedin da Costa³⁶

A mim, foi incumbida a tarefa de escrever o posfácio de *Não sabemos contar: marcas de oficinas de contos*. Antes mesmo de iniciar a leitura, deparei-me com o seguinte questionamento: o que esperar de um livro organizado por Mateus Dias Pedrini e Maria Elizabeth Barros de Barros? Algumas palavras se fizeram imediatamente presentes: resistência, inventividade, coragem, enfrentamento, ética e política. Em um país de intolerâncias cada vez mais agudas — em que a cultura da lacração (violência operada na linguagem) e do extermínio (violência incidida sobre os corpos) se fazem tão cotidianas quanto escovar os dentes —, empenhar-se na organização de um coletivo composto por muitas vidas, mãos e vozes já nos parece um ato de coragem e resistência. Coragem, no sentido de afirmar a criação de um Co-mum operado desde a experiência com a linguagem. Resistência pelo fato de apostar no ofício da escrita em um mundo cada vez menos escrevente.

Como bem sabemos, escrever envolve não somente inspiração, mas, sobretudo, dedicação. Dedicar-se à escrita (como a alguns outros ofícios) é uma estratégia de cuidado para com o tempo, este que, à luz do neocapitalismo, ganhou cifras, passando a ser um produto extremamente valorizado. *Não devemos desperdiçar o pouco tempo que temos* — é o ritornelo que costumamos ouvir e reproduzir a torto e a direito. Escrever é um gesto de operação entre-tempos: por um lado, sentimos o tempo cronológico nos assediando com os tais prazos; por outro, quando estamos imersos(as)

36. Psicólogo, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. É coordenador do grupo *Políticas do Texto* e um dos coordenadores do *Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação & Cultura* – Nuppec (eixo 2).

no processo de escrita, percebemos o tempo comprimir-se e dilatar-se (*não vemos a hora passar*); passamos de um estado a outro em momentos indecifráveis – ora nos vemos diante da criança que fomos e ainda somos (devir-infância), ora nos percebemos enquanto finitude; ora existimos enquanto planta (devir-vegetal), bicho (devir-animal); ora passamos a ser não mais do que *hecceidades*, desfazendo o indivíduo que acreditamos ser. É quando, pela escrita, tornamo-nos uma manhã, uma noite, uma chuva, um mar, um vento, um fogo, um pôr do sol, um livro.

Dito isso, destino-me a pensar sobre/com *Não sabemos contar: marcas de oficinas de contos*, que tanto me tocou, tanto pela proposta das oficinas quanto pela qualidade e heterogeneidade dos contos produzidos. Em relação à proposta, encantou-me saber que o ponto inicial foi a experiência em uma disciplina optativa da graduação, na qual os(as) estudantes escreveram contos a partir de imagens disparadoras. Na condição de docente, fico muito tocado quando nossas disciplinas são capazes de afetar o coletivo de estudantes, a ponto de, como o lançar de um bumerangue, sair do espaço-tempo das aulas, percorrer o mundo “lá fora” e, após, retornar.

Dada a intensidade da experiência na disciplina, constituiu-se um projeto de extensão, na tentativa de levar adiante a proposta. O resultado dessa experiência nos é oferecido por meio deste livro, no qual todos(as) autores e autoras são graduandos(as) e graduados(as) em psicologia. Aliás, esse é um elemento que torna o livro ainda mais precioso: o fato de, sob luz e sombra dos contos, sermos apresentados(as) a modos diversos de pensar, fazer e escrever, todos envolvendo questões relativas à subjetividade – termo bastante utilizado no campo da psicologia social, mas de difícil compreensão.

Há contos em que a experiência do escrever é colocada em cena; contos em que memórias são evocadas; contos em que o cotidiano é o personagem da narrativa; contos que giram em torno das cidades; contos em que a passagem do tempo é o ponto a ser perseguido; contos movimentados por relações intrafamiliares; contos à presença do sol, pássaros, montanhas, rochas e mar; contos sobre ancestralidade, medicalização e animismo.

O interessante é que, na leitura do conjunto todo, somos apresentados(as) a diferentes maneiras de pensar, escrever e agir em psicologia social, modos que se dão pela via do sensível, do que, diante de problemas tão gigantescos e urgentes, convocam-nos a olhar para o minúsculo, para o infra ordinário — e o que seria da vida (da gente) sem a presença das coisas pequenas e dos dias comuns?

Finalizo com uma frase do conto *Mar nosso de cada dia*, de Nicole Argolo Costa, que me fez levantar a cabeça e literalmente viajar: “Miro nas nuvens, e elas estão brincando de quem sou eu”. Acho que isso acontece também com a gente na leitura do livro — ao nos enveredarmos por cada um dos contos, revisitamos partículas do que fomos, do que somos e do que poderemos ser. Quem somos nós? Na presença de *Não sabemos contar: marcas de oficinas*, tornamo-nos leitores e leitoras brincantes, o que, definitivamente, não é pouca coisa.

NOSSXS CONTISTAS

Alessandra Vitória Mendonça Luiz

Alê é graduanda de Psicologia, está no 9º período. Participa atualmente de dois projetos de extensão: Esteticidades e também o Projeto Capoeira UFES, no qual é a bolsista responsável por dar aula de capoeira para crianças. Alê é sonhadora, gosta de capoeira e longos abraços.

Ana Luiza Perin Cogo

Graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo, 20 anos, nasceu e viveu a vida toda em Cariacica-ES. Gosta de Lispector e manualidades.

Anelise Dambroz Spinassé

É formada em História pela Ufes, desesperançosamente otimista, apaixonada por gatos e, às vezes, escritora durante as luas cheias.

Anna Cariny Dias de Amorim

Cearense e paraense. Doutoranda em Educação (Vitória), mestra em Artes Cênicas (Minas Gerais) e graduada em Letras (Belém do Pará).

Iago Vitor da Silva de Lyra

Estudante do segundo período de Psicologia na UFES, utiliza a escrita primariamente como uma ferramenta de autorregistro e organização mental, expandindo esse hábito para o campo criativo na escrita de contos.

Igor Bomjestab Vittoraci

Graduando do 7º período do bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Além disso, estuda psicanálise e joga muita sinuca. Se isso é o que sou? Sim e não. É também.

Izabela Luiza Barossi Santos

Izabela, ou Izalu, é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e pesquisadora no campo da Análise Institucional, se dedicando a investigar o corpo como forma de resistência, sobretudo às experiências da população LGBT em contexto de encarceramento. É extensionista no projeto Afetação e na Escola de Conselhos do ES. Atenta aos movimentos e ao improviso, aventura-se pelas artes, sempre gingando com as possibilidades.

Joana Falk Zanello

Psicóloga e psicanalista, experimentando brincar de literatura!

Jomar da Rocha Farias Zahn

Psicóloga, doutoranda e mestre em Psicologia Institucional pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI/UFES).

José Eronides Ferreira Moura Neto

Filho de um pássaro, sergipano, leitor, amante da deusa música, psicólogo pela UFS e mestrando em Psicologia Institucional na UFES.

Juan de Paula Silva

Estudante de psicologia, amante de jogos e animes, além de ser tecladista e escritor nas horas vagas.

Julia Kloss

Psicóloga pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós-graduanda em Psicanálise com crianças e adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educação (ESPE).

Juliana Labatut Portilho

Psicóloga, psicanalista, mestre e doutora (USP) em Filosofia. Pós-doutora em Psicologia Clínica (IP-USP) e bolsista pós-doutoranda PROFIX (FAPES-UFES). Professora e pesquisadora nas áreas da Psicanálise, Ética, Estética e Teoria Crítica.

Juliana Ribeiro do Amaral

Juliana Ribeiro do Amaral é graduanda de Psicologia na UFES. Faz parte do projeto de extensão “Afetação: clínica transdisciplinar em diversidade sexual e de gênero”, pesquisa o sistema prisional como bolsista CNPq de iniciação científica, além de outras andanças aí afora.

Luísa Mendonça Raggi

Graduanda em Psicologia pela UFES, gosta de contar o que vê.

Luiza Brum Braga Loureiro

É estudante de Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo. Gosta de boas conversas, queijo gorgonzola e de rir de piadas ruins — e foi assim que acabou entrando no mundo dos contos.

Luiza Dias de Oliveira

Luiza é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Seus interesses atravessam os campos da psicanálise e da esquizoanálise, pesquisando questões da infância relacionadas principalmente à ideia de devir-criança. Segue sempre sensível às infâncias da vida e às surpresas da palavra.

Mateus Dias Pedrini

Professor, mestre em Psicologia Institucional pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGPSI/UFES), doutorando pelo mesmo programa, contista nas horas vagas.

Miguel Levi de Oliveira Lucas

Miguel é palhaço, psicanalista, psicólogo e dançador de Reinado. Além disso, é doutorando em educação e faz escritos por aí.

Miriã Fernandes Oliveira.

Graduanda de psicologia na UFES, aluna do 9º período cujo percurso acadêmico se remonta majoritariamente pela participação no grupo de pesquisa “GAIA: núcleo de estudos dos povos da terra”. Atualmente também comparece enquanto bolsista do projeto de extensão “Um Olhar em Saúde Mental”, em colaboração com a FAPES.

Morena Oliveira Sartório

Morena Oliveira Sartório é estudante de Psicologia pela UFES, devoradora de livros e alguém que se interessa em escrever um pouco ou só escrever. Gosta de estudar o que parecem ser processos humanos e pretende chamar mais gente para o universo das folhas escritas.

Natália Schneider Bianchi

Estudante de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Ama ler desde a pré-adolescência, escreve em sua maior parte textos que ficam só para ela.

Nathália Kizem Cuel Carriço

Aluna do 10º período de psicologia na UFES. Integrante do Projeto de Extensão do Núcleo de estudos e pesquisas em sexualidades. Traça grande parte de seu percurso acadêmico nas discussões acerca da Saúde Mental na RAPS, da luta antimanicomial e da defesa das práticas de cuidado em liberdade. Entusiasta das palavras e fascinada pela capacidade de criação de mundos através de uma escrita com o corpo.

Nicole Argolo Costa

Nicole é graduanda em psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), pesquisadora na área de análise institucional, educação e linguagem e extensionista do projeto Afetação. Incansável travessa, entusiasmada das artesanias e errâncias da palavra.

Pedro Cesar Nascimento Bassul

Pedro Cesar Nascimento Bassul é um piumense que foi jogado na Grande Vitória para realizar seu desejo de formação em psicologia. Sempre embaralhado pelas palavras — sobretudo as próprias —, é um apaixonado pela psicanálise, em aproximação à qual vem traçando seu caminho na graduação por meio de pesquisas e práticas de atuação. Filho desgarrado de uma família tradicional, colonizada, deixou de lado a materna artesanania de conchas e tiragem de sururus pela expectativa imaginária de poder, com o outro, ser capaz de catar narrativas e construir histórias.

Tania Pereira Leal

Tania Pereira Leal é mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora da Educação Infantil da rede municipal de Vitória, Espírito Santo.

Vinícius Tamanini Salamão

Vinícius Tamanini Salamão é filho da Cidona e neto da Dona Lourdes. Graduando de psicologia na UFES, aluno do 7º período, bolsista do grupo PET Psicologia, membro do grupo de extensão “Atenção à Saúde Mental de crianças e adolescentes” e do grupo de pesquisa “Aportes psicanalíticos para uma clínica transdisciplinar com crianças”.

Vivianne Flávia Cardoso

Vivianne Flávia Cardoso é doutora e mestre em biotecnologia pela Universidade Federal do Espírito Santo e professora durante a educação física na educação infantil na Prefeitura Municipal de Vitória.

Yago Serafim Schwider

Yago é graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É apaixonado por jogos, narrativas e jogos narrativos. Naturalmente, é jogador e mestre de RPG e desenvolvedor de jogos autorais.

Copyright © 2026 Encontrografia Editora.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a expressa autorização da editora.

"A palavra parafuso, por exemplo, é extremamente saborosa e metafísica, mas não alcança a mesma intensidade que a palavra rocambole, que é igualmente saborosa, mas mais metafísica, quase patafísica. Outras palavras, por exemplo, podem ofender, injuriar, causar náusea. A palavra é aquilo que nomeia e constrói a realidade das coisas. Palavra é uma coisa que deve ser levada com rigor. Portanto, se é de seu interesse criar ou participar de uma oficina de contos, o X da questão é: essa é uma **oficina de contos** ou uma **oficina de contos**? Decide aí que depois a gente conversa mais, tá bom?"



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
*Secretaria da Ciência, Tecnologia,
Inovação e Educação Profissional*



encontrografia

encontrografia.com
www.facebook.com/Encontrografia-Editora
www.instagram.com/encontrografiaeditora
www.twitter.com/encontrografia